

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO
FACULDADE DE TEOLOGIA**

Erick Bryan de Mattos

**Pe. Chevalier: o amor e a misericórdia como uma proposta de remédio para os
males da sociedade atual**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**São Paulo
2024**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Erick Bryan de Mattos

Pe. Chevalier: o amor e a misericórdia como uma proposta de remédio para os males da sociedade atual

Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de BACHAREL em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Dayvid da Silva.

**São Paulo
2024**

Erick Bryan de Mattos

Pe. Chevalier: o amor e a misericórdia como uma proposta de remédio para os males da sociedade atual

Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de BACHAREL em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Dayvid da Silva.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dayvid da Silva. (orientador)
Doutor em Teologia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP

Prof. Dr. Reuberson Rodrigues Ferreira
Teologia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP

Dedico este trabalho a todas as pessoas que acreditam, precisam e vivem o mandamento de amar a todas como a si mesma, e entendem que o amor e misericórdia são necessários para isso, tornando amado em todas as partes o Sagrado Coração de Jesus. Dedico também a todas as pessoas que me amaram e que eu amo.

AGRADECIMENTOS

À Deus por me acolher com seu amor e sua misericórdia e me ajudar a chegar até aqui.

À congregação dos Missionários do Sagrado Coração, que me acolhem, perdoam e amam.

À minha família de sangue, por me darem vida e me apoiarem nessa caminhada vocacional com todo amor.

À minha família religiosa, por me ajudarem a crescer humano-afetivamente, comunitariamente, espiritualmente, intelectualmente, pastoralmente como ser humano e missionário.

Aos meus irmãos de caminhada, que são minha família também, passaram e estão em minha vida em todas as etapas de formação.

Ao orientador Prof. Dr. Dayvid da Silva por me direcionar e ajudar na realização desta pesquisa.

Aos professores da PUCSP, que contribuíram para meu desenvolvimento intelectual e humano.

Aos meus confrades Rosenildo e Lucemir e amigos Pedro e Andressa pela ajuda com a correção ortográfica e conteúdo desta pesquisa.

Aos meus amigos, que me acolheram desde que cheguei ao curso de Teologia, Joseilmo e Romário.

Aos meus amigos e amigas da vida e das pastorais, que me propiciaram momentos de lazer entre a realização deste trabalho e troca de conhecimento e lições de vida.

Às minhas amigas que me alimentaram neste período de estudos, Valdizia, Rosa, Fia e Eliane. A todas as pessoas pelos lugares que passei, graças as pastorais, de maneira especial, ao Serviço de Animação Vocacional nas pessoas dos meus confrades Aldiclei e Wederson (Dedé), a cada vocacionado que me permitiu ajudar nesse processo do discernimento e vivência da herança espiritual de nosso fundador, a Paróquia Nossa Senhora das Gracas na pessoa do padre Reginaldo e todos os paroquianos e paroquianas que me acolheram como membro da família, a Pastoral da Misericórdia no hospital Santa Marcelina na pessoa da irmã Rosália e dos seminaristas da diocese de São Miguel Paulista que juntos vivemos esse dom de Deus.

“O coração tem razões que a própria razão desconhece”.
Blaise Pascal.

RESUMO

Diante de tantos problemas na sociedade contemporânea do século XXI, seria possível que a herança espiritual de um padre francês do século XIX pudesse ser uma resposta atual na vivência e enfrentamento dos mesmos? Essa pesquisa busca levantar o contexto da França, marcada pelas Revoluções Francesa e Industrial; e da Igreja Católica do século XIX em que alguns papas assumiram o pontificado repleto de desafios diante de uma sociedade Moderna e cheia de mudanças; a vida e desenvolvimento de padre Júlio Chevalier que o levou, movido por Deus, a encontrar no Sagrado Coração de Jesus, uma proposta de remédio para os chamados “males da sociedade” de sua época, sendo o amor e a misericórdia desse Coração, a resposta. Passados quase dois séculos, alguns problemas continuaram, outros se agravaram e outros ainda surgiram, frente a eles, essa proposta de remédio ainda pode ser a mesma a ser utilizada? Nessa pesquisa também, busca-se refletir isso com base em documentos do Magistério e Pontificado atual em que Papa Francisco aborda os problemas existentes no mundo, e em seus documentos, ele utiliza-se do amor e da misericórdia de Deus para mostrar que ainda é possível mudanças para salvar nossa “casa comum”, assim chamada por ele, recuperar a dignidade humana e com justiça todos os povos possam viver melhores condições de vida, de trabalho e de relações.

Palavras-chaves: Padre Júlio Chevalier. Sagrado Coração de Jesus. Remédio amor e misericórdia. Papa Francisco. Males da sociedade.

ABSTRACT

Faced with so many problems in contemporary society in the 21st century, would it be possible that the spiritual heritage of a 19th century French priest could be a current response in experiencing and confronting them? This research seeks to survey the context of France, marked by the French and Industrial Revolutions; and the Catholic Church of the 19th century in which some popes assumed a pontificate full of challenges in the face of a Modern society full of changes; the life and development of Father Júlio Chevalier that led him, moved by God, to find in the Sacred Heart of Jesus, a proposal for a remedy for the so-called “evils of society” of his time, with the love and mercy of that Heart, the response. After almost two centuries, some problems have continued, others have worsened and still others have emerged. In view of them, can this proposed remedy still be the same one to be used? In this research, we also seek to reflect this based on documents from the current Magisterium and Pontificate in which Pope Francis addresses existing problems in the world, and in his documents, he uses God's love and mercy to show that he is still possible changes to save our “common home”, as he called it, recover human dignity and with justice all people can live better living, working and relationships conditions.

Keywords: Father Júlio Chevalier. Sacred Heart of Jesus. Love and mercy remedy. Pope Francis. Evils of society.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA E DA SOCIEDADE DA FRANÇA DO SÉCULO XIX	12
2.1 Contexto da França do século XIX	12
2.2 Males da sociedade da França do século XIX	16
2.3 Contexto da Igreja Católica do século XIX	20
3 JÚLIO CHEVALIER E SEU LEGADO	28
3.1 Quem foi padre Júlio Chevalier?	28
3.2 Fundação da congregação dos Missionários do Sagrado Coração	32
3.3 Herança espiritual de Chevalier	40
4 AS PROPOSTAS DE REMÉDIOS DE PADRE CHEVALIER PARA OS MALES DA SOCIEDADE ATUAL NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO	47
4.1 Males da sociedade do século XXI	47
4.2 Amor como remédio para os males do século XXI	53
4.3 Misericórdia também como remédio para os males do século XXI	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66

1 INTRODUÇÃO

O século XIX, tanto para a França como para a Igreja Católica foi um tempo de profundas mudanças e acontecimentos no curso da História. Conforme Ney de Souza “o papado parecia atravessar um dos momentos mais difíceis da era moderna. Pio VI havia morrido (1799) só e abandonado, prisioneiro da Revolução Francesa” (SOUZA, 2020, p. 271). Todavia, após esse fato complicado e exigente para a Igreja, “com Pio VII realiza-se a reorganização da Igreja francesa (1801) [...] esse foi um passo para o ultramontanismo” (SOUZA, 2020, p. 271). Além de todos esses eventos históricos da França que serão abordados nessa pesquisa, a Igreja Católica teve diversos papados cuja “preocupação era recuperar tudo o que a secularização e a revolução haviam destruído. A intenção nunca foi a de adaptar a Igreja às exigências dos novos tempos, mas uma restauração aos tempos anteriores” (SOUZA, 2020, p. 274).

Diante de tantas transformações nesse período da história, surgiu Jean Júlio Chevalier, um jovem que almejava ser padre e quando conseguiu, isso não bastou para viver sua vocação, sentiu que precisava dar uma resposta a tantos males de seu tempo e movido pelo Espírito Santo, tomou outro rumo quanto à devoção ao Sagrado Coração e segundo ele, em seu livro *O Sagrado Coração de Jesus* é “a sede do amor sensível do verbo encarnado” (CHEVALIER, 1991, p. 99, tradução nossa). Para ele, ainda, esse amor está presente no coração do homem e representa o todo do homem, ele inteiro, onde converge tudo, “[...] o atrativo, o sentimento, o instinto, a inteligência, a vontade [...]” (CHEVALIER, 1991, p. 100).

De acordo com padre Eugene J. Cuskelly, MSC no livro *Um coração novo e um espírito novo*, cremos no amor misericordioso e por isso “padre Chevalier propunha aos seus missionários o espírito e o exemplo do Bom Pastor, na plenitude do seu Coração misericordioso” (CUSKELLY, 1981, p. 64) voltado para os pequeninos, os pobres, os humildes, os pecadores, os que sofrem e diante de todas as misérias humanas. Nesse sentido, ao falar do amor e do coração misericordioso de Deus, papa Francisco na Carta Apostólica *Misericordia et misera* disse que “O amor é o primeiro ato com que Deus Se deu a conhecer e vem ao nosso encontro. Por isso mantenhamos o coração aberto à confiança de ser amados por Deus” (MM, n. 5) e amados por Deus para amar a todos, sobretudo aos mais pobres e marginalizados.

Cada sociedade, em cada tempo, possui suas características e males que desafiam não somente os governos, mas também a Igreja a ser sinal de Deus que se revela e quer salvar seu povo, porque o ama. Há na Igreja diversos exemplos de pessoas, inspiradas por Deus que desenvolveram espiritualidades que aproximaram o povo para com Deus numa

comunhão fraterna na vivência do mandamento de Jesus Cristo, “um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei a vós, que também vós vos ameis uns aos outros” (Jo 13,34).

A intenção é compreender como frente a uma França e Igreja Católica do século XIX, que visão específica da espiritualidade do coração propôs um jovem padre sendo ela um remédio para os males daquele tempo? E como essas preocupações e proposta espiritual de remédio para os males da sociedade foram refletidos na contemporaneidade pelo Papa Francisco com o amor e a misericórdia de Deus em que a Igreja deveria ser sinal amoroso e misericordioso em meio aos que mais sofrem e necessitam de uma vida digna? Mediante tais questões procuraremos versar a nossa pesquisa.

Tem-se como objetivo geral analisar a proposta espiritual de padre Júlio Chevalier para os males da sociedade nos dias atuais e; específicos: contextualizar a França com seus males e a Igreja Católica do século XIX, percorrer quem foi padre Júlio Chevalier, sua história e herança espiritual e, refletir sobre a proposta espiritual de padre Chevalier para os males da sociedade, baseando-se em livros da congregação e utilizando-se de encíclicas do Papa Francisco.

No primeiro capítulo, pode-se deparar frente a essa França caótica do século XIX, pós Revolução Francesa e Revolução Industrial, permeada por pobreza, egoísmo, indiferentismo, jansenismo, racionalismo, fideísmo e liberalismo, e diante de todos esses males da sociedade da época, como os líderes da Igreja Católica reagiram, o que recomendaram ao povo com seus documentos e quais foram suas principais condutas para encarar a Modernidade que se alastrava pelo mundo.

No segundo capítulo, pode-se conhecer onde nasceu, quem foi, a história de vida e os desdobramentos de padre Júlio Chevalier que inspirado por Deus propôs uma resposta, cujo remédio para esses males se encontram no amor e na misericórdia do Sagrado Coração de Jesus. Com essa herança espiritual, Chevalier não só buscou pautar sua vida de padre, como fundou uma congregação, os Missionários do Sagrado Coração de Jesus, que buscam levar esse divino remédio para todas as partes da Terra, sendo a presença amorosa e misericordiosa do Coração de Deus. E seus frutos ainda estão presentes em 50 países nos 5 continentes.

No terceiro capítulo, por fim, é exatamente essa temática que queremos refletir em nossa pesquisa, em um tempo em que há males tanto quanto similares aos do século XIX, abordados em tempos distintos pelos papas do século XIX e pelo pontificado atual do Papa Francisco. Essa pesquisa não busca esgotar essa reflexão, mas apresentar a proposta de um sacerdote do século XIX, cujos membros de sua congregação celebraram seu bicentenário de

nascimento em 2024 e, que na mesma linha de pensamento, o presente papado da História da Igreja desenvolveu seu magistério.

Trata-se de um estudo qualitativo do tipo descritivo e analítico de caráter bibliográfico de algumas obras importantes que retratam a problemática apresentada. Pretendendo responder de forma clara os questionamentos levantados ao longo da nossa pesquisa acerca do remédio para os males da sociedade a partir da contribuição de padre Jean Júlio Chevalier, do Papa Francisco e da comunidade científica de Teologia atualmente.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA E DA SOCIEDADE DA FRANÇA DO SÉCULO XIX

A organização da sociedade possui diversas estruturas que seguem um dinamismo, fazendo com que as pessoas vivam sob diversas influências, mesmo que com algumas conformações fixas. O tempo, o modo de vida, as relações, impactam de maneira direta em cada indivíduo. Dessa forma, pode-se observar que no decorrer da história do mundo houve acontecimentos que abalaram negativa e positivamente toda a conformação social.

2.1 Contexto da França do século XIX

A história do mundo pode ser narrada de diversas formas e sob muitas perspectivas. Entretanto, algo que deve ser notado é que muitos acontecimentos possuem um grau de importância tão elevado que, de certa forma, orientam ou redirecionam os rumos que a história tomará. Esses aspectos podem ser percebidos tanto nos países do ocidente quanto do oriente. Acerca disso, segundo Hartog, na história da França e do restante da Europa, por exemplo, os séculos XVIII e XIX trouxeram aspectos tão marcantes que definiram para sempre o futuro do povo não só no continente europeu, mas em todo o mundo (HARTOG, 1996, p. 130).

Nesse sentido, para Bigoto, ao final do século XVIII, o povo francês no geral aceitava a monarquia existente no contexto do Antigo Regime. Algumas manifestações contrárias eram percebidas por parte da burguesia do país, dos comerciantes e de alguns camponeses. Os temas que favoreciam tal posicionamento eram muitos, dentre os quais pode-se destacar as crescentes desigualdades sociais e alguns atos corruptos no governo. Esses detalhes marcam o que hoje é conhecido na história como período da França pré-revolucionária, em que os aspectos de crise começaram a se evidenciar e uma manifestação pública passou a ser eminente (BIGOTO, 2017, p. 68).

Sobre esse período pré-revolucionário, de acordo com Schmidt, trazia algumas características notáveis nas camadas da sociedade da época. Existiam três Estados, sendo que os dois primeiros correspondiam à alta camada social (clero e nobreza) e o terceiro em que se encontrava todo o restante da população, incluindo as camadas mais pobres, mas também os burgueses, comerciantes e camponeses. Este terceiro Estado vivia sua situação de imposição de normas que incluíam os trabalhos mais duros, perigosos e difíceis, bem como o pagamento de impostos para os dois Estados superiores, na forma de dízimo e tributo. Por outro lado, era notável um privilégio elitista no clero e na nobreza, que correspondiam a cerca de 2% de toda

a população da França (SCHMIDT, 2012, p. 3).

O aspecto curioso é que a movimentação financeira francesa era, justamente, pelo trabalho burguês e camponês, e muitos desses possuíam terras e liberdade comercial. Entretanto, em 1787 o país não pôde evitar uma grave crise econômica, que para sua solução, teve na proposta inicial a redução dos impostos prestados à elite. Tendo os dois primeiros Estados recusado essa resolução, foi aberta a sessão dos Estados Gerais, em que o rei Luís XVI formou a Assembleia Constituinte. Essa tinha em sua composição dois grupos que se discordavam em estrutura e ideias de progresso, sendo uma formada pela elite e outra pelos republicanos. Como a segunda tinha maior força numérica, e em vista de uma iminente ação popular, a elite finalmente abriu mão dos privilégios, o que gerou diversos movimentos por parte do reinado, bem como a criação de documentos como a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789 (SCHMIDT, 2012, p. 3).

Ainda sobre isso, conforme Bignotto, algo que deve ser percebido quando se fala sobre as revoluções nesse período da história diz respeito não apenas ao fato de elas terem marcado e contribuído para o fluxo posterior dos acontecimentos no mundo, mas pelas suas motivações originais, que poderiam também servir como berço de novos movimentos. Um estudo publicado em 2011 sobre reflexões de Hannah Arendt acerca da Revolução Francesa aponta que a pensadora acreditava que a liberdade é o ponto de partida para tais movimentos, sendo seu alcance o objetivo final (BIGNOTTO, 2011, p. 42).

Entretanto, as principais chaves e ferramentas das revoluções são a política e a violência, elementos notavelmente opostos entre si. Ou seja, o que antes poderia ser visto como um belo ideal a ser alcançado tornar-se-ia uma resposta obsoleta para a real fundamentação dos movimentos. Dessa forma, de acordo com o pensamento da filósofa, a liberdade pode ter sido usada como chave inicial para a elevação das massas do terceiro Estado e para estabelecer a fase do Grande Medo, mas com o tempo tais ideais acabaram se perdendo conforme os acontecimentos da Revolução Francesa passaram a discorrer (BIGNOTTO, 2011, p. 43).

Essa Revolução, para Sales e Trevisan, em que a sociedade saiu de um momento histórico chamado de Era Moderna, iniciado em meados do século XIV com a descoberta do Novo Mundo e o advento do método científico. A fase inicial da Revolução Francesa é conhecida como “Grande Medo”, na qual foi instituída a Monarquia Constitucional e a pequena parcela da sociedade que formava a elite teve que passar a pagar impostos (SALES; TREVISAN, 2020, p. 138).

Diversos bens e terras pertencentes à nobreza e ao clero foram confiscados, o que provocou em união às ações populares, uma maior valorização do capital francês. Os

ideais iluministas de Liberdade, Igualdade e Fraternidade puderam ser consolidados através da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e o poder foi dividido em Judiciário, Executivo e Legislativo. Além disso, houve uma relevante divisão do povo burguês entre girondinos e jacobinos, em que um grupo defendia a manutenção do poder monárquico e outro grupo defendia a criação de uma república. Vários episódios marcaram esse período, como a destituição do rei Luís XVI, o confronto da França contra a Áustria e a Prússia, a criação da Comuna Insurrecional, entre outros (SALES; TREVISAN, 2020, p. 139).

Após isso, de acordo com Santos, os momentos que se sucederam foram ainda mais agressivos e marcantes. O rei passou a ser prisioneiro na cidade de Paris, houve a tomada da prisão política da Bastilha por manifestantes, as massas trabalhadoras passaram a atuar de forma mais direta nos embates e a ditadura jacobina foi instaurada. A estruturação desse grupo político se fortaleceu, dando início da fase do “Grande Terror” na França. Muitas reformas aconteceram nessa época, com consequências marcantes para a antiga elite, mas muitas decisões precisaram ser tomadas para que essas novas estruturas pudessem ser de fato consolidadas e mantidas. A resposta política foi a criação de um exército nacional que tomasse os adversários e mantivesse a ordem (SANTOS, 2015, p. 29).

O período de Grande Terror também tem seus aspectos históricos discutidos de forma ampla pela filosofia. De acordo Muller, a partir do pensamento hegeliano, no caminho para a liberdade de forma absoluta, o ser humano passa a perceber o mundo como uma extensão de si e da vontade de si. A autoconsciência protestante alcança o ápice, no qual o próprio ser pode definir para si e para o mundo o que é justo e avaliar os critérios do que seria o mundo real e o mundo ideal (MULLER, 2008, p. 75).

Para o Iluminismo e a Revolução Francesa, esta autorreflexividade prática da vontade que se quer a si mesma enquanto universalmente livre é inicialmente “ainda formal”; ela é só certeza, pois “repousa sobre o princípio de contradição e de identidade”. “Com este princípio formal absoluto”, diz Hegel, “chegamos ao nosso mundo, aos nossos dias”, e assim, ao presente histórico da Revolução Francesa (MULLER, 2008, p 76-77).

Ainda nesse período, Conforme Falcetti, no período de Grande Terror surgiu a figura de Napoleão Bonaparte, que como chefe do exército formado em grande parte por cidadãos recrutados de treinamento inadequado, conseguiu brilhantismo nas batalhas entre a Áustria e a Prússia. Toda a Europa foi conquistada e Bonaparte passou a ser alguém visto como ideal para concluir aquela fase revolucionária. Entretanto, no período francês de reestruturação pós terror a política ainda não tinha se estabilizado de maneira completa. Diversos conflitos entre os líderes remanescentes começaram a emergir, e a figura napoleônica tomou uma presença significativa. Apoiado por políticos que o consideravam um

herói nacional e que queriam instaurar uma ordem social com maior estabilidade, Napoleão tomou o poder através do golpe “O 18 Brumário”, passando a controlar o poder Legislativo e cuidar de forma mais abrangente os problemas das classes trabalhadoras (MULLER, 2008, p. 96).

A partir de então, o contexto francês mudou de maneira significativa, pois Napoleão levantou diversas ações que favoreceram a moeda francesa e ampliaram o seu poder por todo o território do país. Tais ações tiveram consequências na Europa, como o fim do tratado de paz com a Inglaterra, que posteriormente resultou num conflito armado com derrota francesa em território marítimo. Após isso, entretanto, a França obteve uma impressionante sequência de vitórias, trazendo êxito militar terrestre e uma expansão do comércio do país, enquanto o de seus adversários permanecia fechado. Percebendo o êxito francês, outros países europeus tomaram também para si os ideais iluministas de Liberdade, Igualdade e Fraternidade e trouxeram uma sequência de ataques à França, com consequente derrota de Napoleão (FALCETTI, 2017, p. 112).

Outro dado histórico relevante, segundo Castanho, que mudou totalmente o rumo da França no século XIX foi a Revolução Industrial. Logo após a saída da Revolução Francesa, esse país se consolidou como o Estado europeu mais poderoso. Tal poder foi interrompido pela Inglaterra e por sua grande capacidade industrial e, consequentemente, monetária. Isso se originou desde as colônias inglesas, mas também como consequências das decisões políticas de décadas anteriores. Os camponeses da Inglaterra foram, em grande parte, retirados de suas terras e por uma questão de subsistência, se alocaram em centros urbanos, em que poderiam fornecer mão de obra para as ascendentes fábricas (CASTANHO, 2008, p. 3).

Por outro lado, os burgueses, possuíam conhecimento amplo, o que foi utilizado no início da revolução, bem como certo acúmulo financeiro, que eles aplicaram em forma de investimento para obterem um posterior lucro. Novas tecnologias puderam ser desenvolvidas e adotadas, a produção de itens foi acelerada e consequentemente os preços baixaram, valorizando a moeda inglesa e trazendo benefícios para as populações menos favorecidas da época no aspecto financeiro (CASTANHO, 2008, p. 4).

Acerca disso, de acordo com Miranda, a Revolução Industrial teve início na Inglaterra e desenvolveu-se de forma marcante também em seus territórios adjacentes. Sua relevância histórica é tamanha que ela foi capaz de modificar até mesmo os conceitos de riqueza adotados até então. Antes dos eventos revolucionários, um país poderia ser considerado rico através do acúmulo de metais preciosos que poderiam ser comercializados de maneira abrangente a outros países (MIRANDA, 2012, p. 1).

Após o advento das indústrias, a riqueza era medida pela capacidade do território de produzir objetos que poderiam ter alguma utilidade real e aplicação na sociedade. Devido à necessidade da mão de obra e da ascensão cada vez mais notável dessa nova forma de economia, o sistema feudal que trazia a predominância de produtos vinculados à produção na terra foi perdendo poder até se tornar obsoleta em relação às indústrias (MIRANDA, 2012, p. 6).

Nesse sentido, segundo Silva, os aspectos históricos que marcaram a França e o restante da Europa durante os séculos XVIII e XIX tiveram consequências também na cultura, modo de pensar e de viver das grandes massas. O que se notou é que a vida nas comunidades urbanas trazia uma percepção mais acelerada do tempo, em comparação à vida no campo. Certos valores do passado deixaram de fazer parte da vida dos indivíduos, principalmente a religiosidade. As perspectivas para o futuro tinham muito mais notoriedade nas discussões do que a manutenção do passado. Além disso, os próprios ideais que deram início às revoluções foram revistos no decorrer dos anos (SILVA, 2015, p. 252).

Nota-se, dessa forma, que os movimentos dos séculos revolucionários tiveram motivações reais e concretas voltadas à estrutura da sociedade. Tais aspectos foram mantidos para que se estimulasse as classes mais trabalhadoras a se envolverem nos movimentos. Entretanto, outros atores tiveram relevância nessa história, como a contribuição burguesa, camponesa e do próprio clero e nobreza. A organização da sociedade e da divisão das classes eram o centro das discussões, e continuou tendo relevância presente em todo o decorrer da história francesa no decorrer do século XIX (BIGOTO, 2017, p. 77).

2.2 Males da sociedade da França do século XIX

Como visto na seção anterior deste capítulo, muito embora os problemas tenham acontecido no mundo de maneira macro, a mentalidade dos indivíduos passou por muitos conflitos que resultaram em gerações de pessoas banhadas pelo indiferentismo, pelo preconceito, pela intolerância religiosa, pela violência e pela construção de uma sociedade cada vez mais individualista e segregada. O surgimento de um problema levantava propostas de resolução tão divergentes que os indivíduos sofreram grandes consequências em sua percepção do todo no mundo. Antigos conflitos geravam novos, propostas geravam mais discussão do que resolução, e todos os esses pontos alcançaram a contemporaneidade.

Acerca disso, de acordo com Azevedo, o modo de vida em que os indivíduos passaram a ser cada vez mais indiferentes com os semelhantes foi consequência direta do advento das metrópoles. A França do século XIX teve grande marco nesse episódio histórico.

A dinâmica se explica pelo fato de que a vida urbana exigia uma celeridade exagerada, muito diferente dos costumes rurais que tornavam os indivíduos mais próximos a seus semelhantes. As jornadas excessivas de trabalho, bem como os maus tratos, a privação dos bens e a dificuldade financeira foram determinantes para que cada pessoa passasse a habitar o interior de seus interesses particulares. No caso dos mais ricos, os interesses eram voltados à manutenção de bens e competitividade econômica, e no caso dos mais pobres, os interesses eram voltados rasamente para a subsistência (AZEVEDO, 1998, p. 82).

Os séculos posteriores ao descobrimento do Novo Mundo também favoreceram a evolução científica e a ampliação dos estudos. Muito embora isso tenha ajudado significativamente a sociedade como um todo, também gerou correntes de pensamentos que entravam em conflitos diretos com outros. Isso sempre aconteceu na história do mundo, mas em determinados momentos pôde-se observar tais reações de maneira mais expressiva.

Outro elemento, considerado mal daquele século foi o Jansenismo, por exemplo, que segundo Teixeira, foi um movimento herético de caráter doutrinal, baseado nos textos de Agostinho de Hipona e derivado dos pensamentos de Jansenius. Ela alegava que a graça de Deus era necessária para a salvação da alma, mas Deus a concedia ou recusava de maneira a manter próximos de Si aqueles que Ele predestinou, nada levando em conta as obras, os sacrifícios e o esforço pessoal de santidade. Como toda heresia, esta foi muito bem fundamentada, mobilizando diversos intelectuais para combatê-la e elucidar um pensamento cristão diferente. Teve muitos adeptos, que inclusive criticavam abertamente a Comunhão Sacramental, os sacrifícios e mortificações, a confissão e outras práticas de piedade (TEIXEIRA, 2018, p. 1).

Ainda sobre os movimentos que se manifestaram contra os pensamentos cristãos, existiu o Racionalismo (LUPETTI, 2015, p. 58). Tendo surgido na Europa do século XVII, trouxe a ideia de que as verdades fundamentais da espécie humana e os segredos do mundo poderiam ser elucidados apenas com o uso concreto e bem aplicado da razão humana. A Igreja até então tinha uma autoridade relevante sobre os temas não só de fé, mas de conhecimento do ser humano, e o Racionalismo trouxe uma ruptura nesse vínculo secular. Um exemplo disso, segundo Silva e Arcanjo, em História da ciência, epistemologia e dialética, afirmam que:

[...] em oposição a visões continuístas, tanto na história da ciência quanto na filosofia da ciência, que apresentam as teorias científicas sendo substituídas por outras melhores numa reta do tempo, acreditamos que a ciência se constrói concretamente, através de suas contradições. Olhando, por exemplo, para o intervalo entre séculos XVII e XIX da história da biologia, podemos reconhecer um importante exemplo dessas contradições, na discussão sobre o problema da origem da vida (SILVA, ARCANJO, 2021).

Por outro lado, sempre houve quem afirmasse que a evolução do caráter científico em nada desabona a riqueza e a beleza da relação profunda com Deus. De acordo com o pensamento de Rousseau, a razão é, por si só, um dom de Deus. Dessa forma, o uso da razão não deveria se apartar da religião, muito menos a religião condenar quem usa a razão. O homem é um ser que raciocina, e deve existir um caminho de integração que desmonte essa apartação (DERATHÉ, 2012, p. 17).

É evidente que desde o século XVI as reflexões sobre as realidades do mundo se tornaram muito mais frutuosas, enriquecedoras e convincentes. Entretanto, o surgimento de tantas correntes de pensamento podia provocar conflitos mesmo entre pensadores da mesma linha ou corrente filosófico-teológica. Em contrapartida ao racionalismo, os teístas responderam com a fundamentação teórica e prática do fideísmo, em que a fé é colocada de maneira superior à razão, sendo inclusive material de debate para a construção de argumentos lógicos (VIEIRA, 2022, p. 3).

Isso aconteceu, de maneira particular com Blaise Pascal (1623 – 1662), que trouxe a ideia da grande “Aposta de Pascal” como uma proposta para racionalizar na fé a existência de Deus (FERREIRA, 2015).

[...] Pascal teve o mérito de colocar com especial clarividência que a razão, dissociada de suas raízes no coração humano, fica vazia de significado. Separada do sentimento e dos primeiros princípios, se volta com curiosidade incessante até o domínio autossuficiente do mundo exterior. Perde assim seu rumo privando-se do sentido teológico de seu próprio ser, da meta adequada à sua própria identidade, de sua abertura para o infinito. Uma razão que pretende tudo abarcar termina por mostrar não o seu poder, mas sua insuficiência e sua debilidade. Neste contexto, ‘Pascal é, antes de tudo, um filósofo crítico dessa faculdade desgraçada, a razão infeliz’ (FERREIRA, 2015, p. 115).

Além dos debates filosóficos e teológicos, o aspecto da política como um todo também passou por novas visões na França dos séculos XVIII e XIX. A ascensão econômica pôde ser percebida principalmente em decorrência do liberalismo, que exerceu um papel muito importante em termos de visão macro no país. É possível dividir o liberalismo político francês em duas correntes principais, sendo a primeira conhecida como “liberalismo do sujeito”, em que o indivíduo teria certas garantias frente ao Estado, e a segunda conhecida como “liberalismo elitista”, que traria mais privilégios ao poder público. A segunda via foi adotada de maneira predominante, permanecendo firme um domínio político em detrimento dos direitos dos povos (CASSIMIRO; FHRELLER, 2020, p. 114).

Todos esses fenômenos trouxeram à tona, de maneira particular no século XIX, uma mudança histórica com grandes reflexos sociais. O socialismo almejado era visto de forma geral como uma utopia e o individualismo era cada vez mais evidente e problemático.

O anarquismo também surgiu como maneira revolucionária de trazer uma resposta à opressão francesa pós liberalismo e o autonomismo toma corpo e refletiu durante décadas depois, mesmo em países fora da Europa. Os movimentos sociais cresceram de maneira espantosa, mas com pouca unidade entre si, por um lado trazendo o valor da luta pelos direitos, e por outro trazendo mais conflitos entre as divergentes opiniões políticas e até mesmo filosóficas (GOHN, 2019, p. 76).

Diante disso, o que se pretende elucidar é que em um curto espaço de tempo histórico, a França sofreu uma fase de grande caos, que refletiu na posteridade não apenas de seu povo, mas também da Europa e do restante do mundo. Os problemas majoritariamente sociais trouxeram reflexão na maneira de se ver a ciência, a religião, a filosofia, a arte e a literatura. O curso histórico desse período deve ser revisitado levando em conta a particularidade de cada movimento, de cada pequena mudança que pôde contribuir de alguma forma com a evolução da situação presente na época. Entretanto, não apenas a particularidade, mas todo o aglomerado de informações e suas conexões deve ser percebido. A interligação entre as correntes filosóficas, as relações mínimas entre a arte e a literatura, os caminhos tomados pela teologia e principalmente o papel das grandes massas em toda essa virada de chave que marcou a história de um país (BOXUS, 2010, p. 49).

Diversos estudos têm sido feitos para elucidar a problemática francesa pós-revolução. No que se refere ao sofrimento do povo, há quem acredite que a razão pública (verdadeira necessidade do povo) é totalmente diferente do que pode ser chamado de “preconceitos sociais” (conflitos de interesse e opiniões). Entretanto, dispõe-se como responsabilidade política a administração de todas essas opiniões e a tentativa de resolvê-las de maneira pacífica e pouco conflituosa. A sociedade moderna deve ter espaço para as divergências, e estas devem em si gerar algum tipo de consenso que abarque as necessidades gerais e a erradicação dos problemas (CASSIMIRO; FRELLER, 2020, p. 137).

Por outro lado, no ponto de vista religioso que até então buscava a predominância do catolicismo romano foi substituído por uma tentativa de neutralidade. Isso reflete as movimentações do liberalismo e a tentativa de fazer uma dissociação entre a religião e a razão, bem como entre a religião e o poder político. Muito embora os caminhos de dissociação acontecessem, a ideia não era de excluir totalmente o aspecto religioso da vivência popular, mas abranger todos os credos, sem levar em conta as práticas de piedade majoritárias e mais sólidas até aquela época (PORTIER, 2010, p. 29).

2.3 Contexto da Igreja Católica do século XIX

Após contextualizarmos a sociedade francesa do século XIX e os males da época, é preciso apresentar os principais pontos da Igreja Católica nesse momento que juntos permitirão uma compreensão do solo e vivência de padre Júlio Chevalier, a ser abordado no capítulo seguinte até desembocar na fundação de uma congregação, cuja fonte é o Sagrado Coração de Jesus.

De acordo com Ney de Souza, a Revolução Francesa não poupou a Igreja Católica, a qual teceu as críticas “abismo social entre alto e baixo clero, indiferença diante das dificuldades do povo” (SOUZA, 2020, p. 268). Ainda que num primeiro momento, ela não tenha sido anticlerical, com a declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, “o artigo 10º concedia a todos os franceses a liberdade de religião e de culto” (SOUZA, 2020, p. 269).

Nesse momento de virada para o século XIX, iniciava na Igreja um novo pontificado do papa PIO VII (1800-1823) que após tentativas de frear os efeitos da revolução Francesa, conseguiu fazer uma concordata com Napoleão Bonaparte e “determinava-se que a religião católica, apostólica e romana constituía a confissão da maioria dos cidadãos franceses, devendo, por isso ser restaurada” (SOUZA, 2020, p. 270). Isso ocorreu, segundo Maria Alzira da Cruz Colombo, quando o papa e Napoleão

[...] assinaram em 1802 a Concordata que restabeleceu o bom relacionamento com a Igreja, após os efeitos negativos da Constituição Civil do Clero de 1791. O Papa então reconheceu a República e renunciou aos bens subtraídos do clero pela Revolução. Os bispos passaram a receber pensões do governo e tornaram-se submissos ao poder público, através de suas nomeações. O catolicismo não era mais reconhecido como sendo a religião do Estado, mas continuava a ser a religião da maioria dos franceses (COLOMBO, 2017, p. 378).

Conforme Souza (2020), ainda que as relações parecessem amistosas, após Napoleão Bonaparte se declarar imperador dos franceses em 1804 e Pio VII proceder à sua unção, foi o próprio imperador que se autocoroou, gesto oposto ao que vinha acontecendo na França em que o papa era quem coroava o imperador. Mesmo que o papa tenha protestado, Napoleão ignorou, humilhou-o e “em 1808 ordenou a ocupação de Roma e do estado Pontifício. O papa excomunga Napoleão e este fez Pio VII prisioneiro em Fontainebleau, sendo pressionado a abdicar o Estado Pontifício” (SOUZA, 2020, p. 270).

Isso só foi revertido, de acordo com Souza (2020, p. 271), “durante o Congresso de Viena, 1815, não houve grandes dificuldades em restabelecer o Estado Pontifício, saqueado por Napoleão”. Após esse período, sucedeu na Igreja Católica, dois pontificados curtos, Leão XII (1823-1829), cuja “preocupação era recuperar tudo o que a secularização e a

revolução haviam destruído. A intenção nunca foi a de adaptar a Igreja às exigências dos novos tempos, mas uma restauração aos tempos anteriores” (SOUZA, 2020, p. 274). Outro pontificado curto nesse período foi posterior a Leão XII, Pio VIII (1829-1830) cuja “ação era defensiva da Igreja e da fé católica, defender dos erros daquelas doutrinas, segundo ele, mentirosas e perversas que atacavam a fé” (SOUZA, 2020, p. 274).

Após esse período transitório na Igreja Católica, o pontificado seguinte de Gregório XVI (1831-1846), conforme Gomes Filho (2019), ele apresenta que

Desde a *Mirari Vos* de Gregório XVI, de agosto de 1832, a Igreja Católica Romana firmou-se abertamente como contrária à “ânsia de inovações” [...], a luta contra a modernidade se tornou o mote de um grupo politicamente conservador e socialmente sedento de controle sobre a autonomia religiosa de seus fiéis. Ao contrário, portanto, do catolicismo ilustrado do século anterior, o ultramontanismo caminhou na contramão de qualquer adaptação da Igreja ao mundo moderno e, para tanto, aproveitou-se do momento histórico oportuno de crise para garantir o apoio do Estado para uma ampliação vertiginosa de seu poder político e social na Europa central (GOMES FILHO, 2019, p. 811).

Para esclarecer um pouco acerca da encíclica do papa Gregório XVI que escreveu um ano após assumir como Santo Padre da Igreja católica, ele relatou sobre o que enfrentaria desde o início de seu pontificado em 1831:

Mas vocês sabem bem por que tempestade de males e calamidades, desde os primeiros momentos do Nosso Pontificado, fomos subitamente lançados num mar tão tempestuoso que, se a mão direita do Senhor não tivesse testemunhado a sua própria virtude, teríamos que fazê-lo pelo mais conspiração perversa dos ímpios lamentam Nossa submersão fatal. A alma evita renovar com a amarga exposição de tantos acidentes a dor intensa que sentimos; e antes Gostamos de elevar gratas bênçãos ao Pai de toda consolação, que com a dispersão dos rebeldes nos tirou do perigo iminente e acalmou a furiosa tempestade e nos fez respirar. Propusemo-nos imediatamente comunicar-vos as Nossas ideias relativas à cura das feridas de Israel: mas o grande cuidado que ocorreu para conciliar o restabelecimento da ordem pública representou um obstáculo à realização do Nosso propósito (MV, 1832).

Percebe-se que Gregório XVI ao assumir seu pontificado, posterior a dois outros de curto período e marcados pela preocupação em manter uma posição avessa a modernidade, tinha nas mãos uma escolha a se fazer, manter o que vinha sendo doutrinado ou buscar outro, o do diálogo com essa Modernidade que avançava cada vez mais e a Igreja precisava dar uma resposta aos acontecimentos de sua época. Ele, de acordo com o exposto anterior, preocupado com os males e obstáculos desse período, pretendia manter os ideais de seus antecessores. Dentre os males da sociedade abordados nessa encíclica, destaca Gregório XVI o

[...] indiferentismo, isto é, aquela opinião perversa que, devido ao trabalho fraudulento dos incrédulos, se espalhou por toda parte, e segundo a qual se pode, em qualquer profissão de fé, alcançar a salvação eterna da alma se os costumes estiverem de acordo com a norma do que é reto e honesto (MV, n. 13).

Além dessa questão apontada pelo papa, ele critica veementemente as formas de liberdades da época, como pode ser visto a seguir nessa mesma encíclica *Mirari Vos* de 1832, quando ele afirma que

[...] a liberdade de consciência deve ser admitida e garantida a todos: um erro muito venenoso, ao qual se junta a plena e imoderada liberdade de opinião, que vai sempre aumentando até ao extremo. em detrimento da Igreja e do Estado, não faltando aqueles que ousam vangloriar-se com descarada imprudência de que alguma vantagem para a Religião advém de tal licença. “Mas que pior morte pode ser dada à alma do que a liberdade do erro?” exclamou Santo Agostinho [Ep . 166]. [...] Consequentemente, determina-se a mudança de espíritos, a depravação da juventude, o desprezo do povo pelas coisas sagradas e pelas leis mais sagradas: numa palavra, a praga da sociedade mais do que qualquer outra fatal, enquanto a experiência de todos os séculos, desde a mais remota antiguidade, demonstra luminosamente que as cidades que floresciam em opulência, poder e glória só por esta desordem, isto é, por uma excessiva liberdade de opiniões, por licença dos conventículos, por desejo de novidade, andavam infelizes em ruína.

Para este fim dirige-se aquela terrível, nunca suficientemente execrada e abominada “liberdade de imprensa” na divulgação de escritos de qualquer espécie; liberdade que alguns ousam invocar e promover com tanto clamor (MV, n. 14-15).

Nota-se como o pensamento de Gregório XVI não apenas manteve a linha ideológica de seus antecessores, como ele foi se radicalizar ainda mais a ponto de criticar até mesmo a liberdade das pessoas, era uma forma clara de rejeitar a renovação da Igreja e o diálogo com a Modernidade, condenado pelo papa como um período de trevas e erros. Todavia, para Souza (2020) houve um fato a se considerar positivo nesse momento, sendo que

Um aspecto significativo desse período foi a vitalidade da ação missionária da Igreja por meio de muitas comunidades religiosas e um interessante florescimento de novas congregações, sobretudo no campo da educação, da assistência aos enfermos empenho missionário (SOUZA, 2020, p. 276).

Diante desse exposto, esse período da história da Igreja Católica favoreceu o surgimento de congregações religiosas de caráter missionário, como por exemplo, a Congregação dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus, a ser abordado neste trabalho nos capítulos seguintes.

Posterior ao Papa Gregório XVI, marcado por um pontificado hostil, foi eleito Papa Pio IX (1846-1878), o segundo maior pontificado da História, perdendo apenas para São Pedro. De acordo com Souza (2020) as pessoas liberais e democratas esperavam que o novo papa fosse mais diplomata e mediasse toda a situação política e social, contudo, Pio IX

Defendia a plena independência do papa e da Igreja em relação ao Estado, opositor combatido do galicanismo. Se, por um lado, os anticlericais se tornaram grandes inimigos do papa, especialmente a partir da segunda metade do século XIX; por outro lado, os ultramontanos cultuavam tão exageradamente o papa que atribuíam a ele o título de “Grande”. São três os pontos fundamentais de seu pontificado: Proclamação do dogma da Imaculada Conceição (1854); publicação da encíclica *Quanta Cura* e seu anexo *Syllabus* (1864) e o Concílio Vaticano I (1869-1870).

Alguns anos após o papa assumir o pontificado, em 1854, Papa Pio IX proclamou o terceiro dogma mariano, da Imaculada Conceição que através de um “privilégio inteiramente singular, ela venceu o pecado com a sua concepção imaculada; e por esse motivo não foi sujeita à lei de permanecer na corrupção do sepulcro, nem teve de esperar a redenção do corpo até ao fim dos tempos” (ALMEIDA, 2018, p. 207).

Além dessa proclamação, importante para a doutrina da Igreja, a encíclica *Quanta Cura* de Pio IX foi o que marcou seu longo período como Sumo Pontífice na Igreja. Afirma Pio IX que

Entretanto, como bem sabeis vós, Veneráveis Irmãos, visto que por uma misteriosa decisão da divina providência, certamente não por qualquer mérito nosso, fomos elevados a esta Cátedra de Pedro, vendo com extrema dor de alma a horrível tempestade aliviada por tantas más opiniões e os gravíssimos e nunca suficientes danos lacrimojantes que resultam de tantos erros do povo cristão, por dever do Nosso Ministério Apostólico, seguindo os ilustres passos dos Nossos Predecessores, levantamos a voz e com várias Cartas Encíclicas difundidas através da imprensa, com as Alocuções do Consistório e com outras Cartas Apostólicas condenamos os principais erros da nossa triste época, e estimulámos a vossa estimada vigilância episcopal, advertimos com todas as nossas forças e exortamos todos os filhos da Igreja Católica, querida por nós, que tinha na infecção uma praga tão cruel era uma abominação suprema e eles fugiram dela (QC, n. 2).

Já no início dela, o papa descreve que assumiu o papado com dores diante de más opiniões resultadas de erros do povo e por isso, no seu dever ministerial deve ajudar condenar cada erro e ajudar o povo a corrigi-los. Essa encíclica tinha “[...] o objetivo de apontar os “erros modernos” que colocam a fé da Igreja em perigo e demonstrar sua superação, afirmando a autoridade da Igreja, fundamentada na autoridade divina” (SOUZA, 2020, p. 280).

Na listagem dos chamados 80 “erros modernos”, Papa Pio IX no anexo *Syllabus* da encíclica *Quanta Cura* elenca quais são eles. O primeiro conjunto diz respeito ao Panteísmo, naturalismo e racionalismo absoluto, pois segundo esse erro, aponta o pontífice

Não existe um Ser divino, supremo, mais sábio, mais providente que seja distinto deste universo, e Deus nada mais é do que a natureza das coisas e, portanto, está sujeito a mutações, e Deus é realmente feito no homem e no mundo, e todas as coisas são Deus e têm a própria substância de Deus; e Deus é uma e a mesma coisa com o mundo e, portanto, espírito e matéria, necessidade e liberdade, verdadeiro e falso, bem e mal, justo e injusto são igualmente identificados entre si (SYLLABUS, I, n. 1).

Para o Papa Pio IX, o panteísmo, naturalismo e racionalismo absoluto não são superiores a Deus que é onisciente e o ser mais sábio presente em todas as coisas, sendo assim a natureza das coisas. Já no segundo aspecto, o Papa coloca o racionalismo moderado, argumentando esse erro, “visto que a razão humana é equiparada à própria religião, as

disciplinas teológicas devem ser tratadas da mesma forma que as filosóficas” (SYLLABUS, II, N. 8). Nesse ponto, ele aborda o erro de se equiparar o estudo teológico ao estudo filosófico, cada qual com seu objeto de estudo, religião e razão.

No terceiro grupo de erros, papa Pio IX aborda um tema já falado por seu antecessor, o indiferentismo e o latitudinarismo. Nesse sentido, pode-se compreender “como liberalismo que permite aos homens a prática da fé em qualquer religião, não fazendo realço a religião católica como a verdadeira religião” (SOUZA, 2020, p. 282). No grupo seguinte, Pio IX refere-se ao socialismo, comunismo, sociedades secretas, sociedades bíblicas, sociedades clerical-liberais como pragas frequentes, obviamente, reprovadas por ele. No quinto grupo, Pio IX traz os erros sobre a Igreja e seus direitos, pois, segundo esse erro,

A Igreja não é uma sociedade verdadeira e perfeita, plenamente livre, nem é dotada de direitos próprios e constantes, que lhe foram conferidos pelo seu divino Fundador, mas cabe ao poder civil definir quais são os direitos da Igreja e os limites dentro do qual pode exercer esses direitos (SYLLABUS, V, n. 19).

De acordo com Souza (2020), nesse grupo, esse erro quis referir-se ao abuso do poder dos papas e concílios ecumênicos com relação aos príncipes, tirando-lhes a liberdade e afirma ainda que “a autoridade episcopal não deve estar ligada à autoridade do governo civil. [...] Toda nação possui o direito a ter a sua Igreja sem necessariamente estar ligada ao pontífice romano [...]” (SOUZA, 2020, p. 283).

No grupo VI o papa trouxe os erros que dizem respeito à sociedade civil, considerada em si e nas suas relações com a Igreja. Conforme Souza (2020, p. 283) “esses são referentes à afirmação de ser a doutrina católica contrária ao bem-estar social e o poder do Estado, a origem e fonte de todos os direitos do homem”. Aqui engloba ainda esse erro que trata do poder do Estado que julga as regras feitas pelos bispos e a interferência na formação do clero e na comunicação dele com o papa, isso devido a separação entre Estado e Igreja. Para o grupo VII, Pio IX abordou os erros relativos à moral natural e cristã em que “as leis dos costumes não requerem sanção divina, nem é necessário que as leis humanas se conformem com a lei da natureza, ou recebam a força de Deus para obedecer” (SYLLABUS, VII, n. 56). Quer dizer, segundo Souza (2020, p. 284) que “toda autoridade fundamenta-se na força material que se sobrepõe às coisas espirituais”. Já no oitavo grupo Papa Pio IX aponta os erros relativos ao casamento cristão em que

O Sacramento do casamento nada mais é do que algo acessório do contrato e dele separável, e o próprio Sacramento está contido apenas na bênção nupcial. O vínculo matrimonial não é indissolúvel pela lei natural e, em vários casos, o próprio divórcio pode ser sancionado pela autoridade civil (SYLLABUS, VIII, n. 67-67).

Por fim, o grupo IX traz os erros relativos ao principado civil do Romano Pontífice descritos por Pio IX como “os filhos da Igreja Cristã e Católica disputam entre si a

compatibilidade do reino temporal com o reino espiritual” (SYLLABUS, IX, n. 75) e o grupo X os erros que remetem ao liberalismo de hoje que segundo Souza (2020, p. 284) “realça a emergência de outras religiões, negando a religião católica como a única religião do Estado”. Quer dizer que o catolicismo não seria a única religião aceita no Estado e o laicismo seria presente na sociedade e as pessoas passariam a poder escolher qual religião gostariam de professar.

Analisando esses documentos, para Ivo Pereira da Silva, tanto a encíclica *Quanta Cura* quanto seu anexo *Syllabus* apresentados, anteriormente, nesse trabalho podem ser

[...] entendidas como uma ofensiva da Igreja contra os valores essenciais da modernidade – tiveram fortes repercussões em diversos Estados europeus, bem como no continente americano, especialmente nos países católicos⁴⁷. Tais medidas eclesiais sofreram forte oposição, nos espaços mencionados, dos próprios católicos de orientação mais liberal, assim como de grupos mais radicais, como os livres-pensadores, e foram um fator no reavivamento e incremento da questão religiosa, agora num contexto mais secularizado e influenciado por ideias de emancipação política e social (SILVA, 2020, p. 20).

Nesse sentido, pode-se considerar que esses documentos foram frutos do que estava acontecendo na Europa, naquele momento, e o líder da Igreja Católica acreditou ser esse o caminho para conter o avanço do anticlericalismo europeu decorrente de mudanças nas sociedades da época e das revoluções e modernizações. Outro elemento ainda a ser considerado por ter sido um marco nesse século e no pontificado do Papa Pio IX foi o Concílio Vaticano I que

[...] teve seu início na data significativa de 8 de dezembro de 1869 (Festa da Imaculada Conceição, dogma proclamado por Pio IX). [...] A assembleia conciliar propunha-se além da condenação dos erros modernos, a definição da doutrina sobre a Igreja. [...] O estouro da guerra franco-prussiana (1870) causou a suspensão do concílio, que nunca mais foi retomado, mas oficialmente, não foi fechado (SOUZA, 2020, p. 297).

Foi nesse concílio que ficou marcado também a proclamação do dogma da infalibilidade papal que conforme Silva (2020, p. 12) significou um “dogma que veio enfraquecer o magistério dos concílios eclesiais, visto que o papa era agora, quase exclusivamente, a autoridade suprema em questões de fé e moral”. Isso, de acordo com Souza (2020) trouxe muita repercussão interna na Igreja Católica, pois alguns membros gostaram, ao passo que outros ficaram preocupados com a relação entre Igreja e Estado que já vinha bastante estremecida e por isso seria necessária uma definição clara desse dogma, apesar de tantas tentativas por parte dos bispos, professores e teólogos, “os chefes de Estado decidiram pela neutralidade, desde que o concílio não criasse perigos para o Estado” (SOUZA, 2020, p.

296). Após esse período grande do pontificado do Papa Pio IX, conforme Souza (2020) assumiu a cátedra de São Pedro, o Papa Leão XIII em fevereiro de 1878.

Este pontificado conseguiu alcançar um prestígio não alcançado em tempos anteriores. A conjuntura final do século XIX coincidiu com um conjunto de mudanças radicais no campo político, econômico e social e científico. [...] Seu magistério tratou de diversos assuntos de grande importância naquele contexto da vida religiosa à social. A sociedade estava dividida pelo conflito entre capital e o trabalho: eis a questão social. [...] Leão XIII publicará um emblemático documento que tratou de maneira objetiva a questão operária e social: a encíclica *Rerum Novarum* (SOUZA, 2020, p. 320-321).

Nesse documento *Rerum Novarum*, Papa Leão XIII vai direcionar aos irmãos as motivações apresentadas logo no início, seu dever enquanto cargo Apostólico a enfrentar os problemas do tempo com justiça e equidade diante das desvirtuações existentes, conforme pode ser visto a seguir:

É por isto que, Veneráveis Irmãos, o que em outras ocasiões temos feito, para bem da Igreja e da salvação comum dos homens, em Nossas Encíclicas sobre a soberania política, a liberdade humana, a constituição cristã dos Estados [*] e outros assuntos análogos, refutando, segundo Nos pareceu oportuno, as opiniões errôneas e falazes, o julgamos dever repetir hoje e pelos mesmos motivos, falando-vos da Condição dos Operários. Já temos tocado esta matéria muitas vezes, quando se Nos tem proporcionado o ensejo; mas a consciência do Nosso cargo Apostólico impõe-Nos como um dever tratá-la nesta Encíclica mais explicitamente e com maior desenvolvimento, a fim de pôr em evidência os princípios duma solução, conforme à justiça e à equidade. O problema nem é fácil de resolver, nem isento de perigos. E difícil, efectivamente, precisar com exactidão os direitos e os deveres que devem ao mesmo tempo reger a riqueza e o proletariado, o capital e o trabalho. Por outro lado, o problema não é sem perigos, porque não poucas vezes homens turbulentos e astuciosos procuram desvirtuar-lhe o sentido e aproveitam-no para excitar as multidões e fomentar desordens (RN, n. 1).

Considera-se, nesse primeiro momento, como os acontecimentos marcantes do século XIX para a França como a Revolução Francesa que provocou mudanças na forma das classes sociais se relacionam, tais como a Revolução Industrial que modificou a vivência dos modos de produção e trabalho das pessoas; os males que acabaram nascendo e sendo consequências dessas Revoluções e do contexto da Igreja Católica, como o jansenismo que pregava a predestinação como meio de salvação e acabava retirando a liberdade concedida por Deus às pessoas, o racionalismo que questionava a relevância da autoridade da Igreja Católica sobre qualquer assunto que não fosse somente relacionado à fé, o liberalismo que apregoava a liberdade do indivíduo frente ao Estado e também privilégios ao poder público.

Considera-se ainda, na Igreja Católica, os papados desde Pio VII até Leão XIII que marcaram o século XIX, a maioria tentando frear os avanços científicos e da Modernidade, dentro de papados longos e outros curtos, com documentos que tentaram corrigir os chamados “males da sociedade”, um Concílio em meio a conflitos que acabou por

não ser terminado e a proclamação de dogmas, mariano e dogmático, este que gerou polêmicas por um bom tempo. Foi em todo esse contexto da Igreja Católica e da França do século XIX que vai nascer, crescer e se desenvolver a vida, pensamento e herança espiritual de padre Júlio Chevalier, a ser trabalhado no capítulo seguinte.

3 JÚLIO CHEVALIER E SEU LEGADO

Após a contextualização do período na França e Igreja Católica que abarcou a vida de Jean Jules Chevalier, neste capítulo será abordada, sutilmente, sobre sua história, a partir dos seguintes aspectos: sua infância, o sonho de ser padre, o esforço para ingressar no seminário e o desenvolvimento do seu pensamento e espírito que culminaram na fundação de uma nova família religiosa, cuja fonte é o Sagrado Coração de Jesus, tão recorrente naquele tempo. Porém, com um novo viés: o amor e a misericórdia desse coração humano e divino do Filho de Deus.

3.1 Quem foi padre Júlio Chevalier?

Os momentos mais importantes do contexto familiar e histórico de Jean Jules Chevalier foram registrados em alguns de seus escritos e nas obras escritas pelos membros de sua congregação dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus. Nesta pesquisa foram usadas algumas dessas publicações a fim de compreender o desenrolar da história desse homem que foi inspirado pelo Espírito Santo a dar um passo além de sua vocação e iniciar um marco na história da Igreja Católica e da França.

A obra intitulada *Notas Íntimas* relata padre Chevalier, em primeira pessoa: “nasci em Richelieu (Indre-et-Loire), no dia 15 de março de 1824 e fui batizado no dia seguinte, com o nome de João Júlio” (CHEVALIER, 1988, p. 1). Seu pai chamava-se João Carlos Chevalier e foi caracterizado por ele como “um homem bom, honesto, probo, caridoso, amante da justiça e da verdade. Sua inteligência estava acima da média, e sua educação, esmerada. [...] Dedicou-se ao comércio de cereais e tornou-se padeiro” (CHEVALIER, 1988, p. 1). Nessa mesma obra, recorda Chevalier (1988) que sua mãe se chamava Luísa Ory, sendo a filha caçula de treze irmãos. Ela é marcada por ele como “um modo equânime de pensar e um caráter alegre e firme aliado a uma piedade franca e sincera; de uma sutileza de espírito pouco comum, completava seu caráter uma coragem admirável” (CHEVALIER, 1988, p. 1).

Sobremaneira a essas qualidades de sua mãe, Chevalier resgatou que ela não completou seus estudos. Apesar disso, afirmou Eugene James Cuskelly, MSC¹, em sua obra *Júlio Chevalier: o homem e sua missão*, que Luísa Ory ensinou ao filho a não roubar e também “como controlar o caráter demasiadamente impetuoso e ardente, herdado de seu pai, por meio do bom humor, herdado sobretudo da parte materna e [...] transmitiu-lhe também o gosto pela prática religiosa” (CUSKELLY, 1979, p. 19). Prova desse ensinamento de sua mãe, mencionou Chevalier que “logo após meu batismo, ela me levou à igreja e me consagrou à santíssima Virgem e ao Sagrado Coração de Jesus” (CHEVALIER, 1988, p. 2).

Diferentemente da mãe de Chevalier que era praticante do catolicismo, o pai já não seguia pelo mesmo caminho. A explicação para isso, deve-se ao fato de que ele, batizado em 1873, não fez “a primeira comunhão - numa época em que as igrejas estavam fechadas e os sacerdotes não-juramentados eram perseguidos como caça - dá para adivinhar” (KERCK, 1987, p. 11). Mesmo após Napoleão Bonaparte devolver a liberdade às igrejas no ano 1802, seu pai já não alimentava ideias religiosas, mas revolucionárias. Contudo, ressalta Kerck (1987, p. 11) que o pai de Chevalier, “[...] antes de morrer, na idade de 65 anos, com piedade e calma, pediu os últimos sacramentos, para grande consolo de Júlio”.

Ao contrário do primeiro momento de seu pai, o menino Chevalier ansiava por receber os sacramentos, conforme ele mesmo relatou em suas notas íntimas:

Corria o ano de 1836, quinta-feira da festa do Corpo de Deus. Acho que me preparei seriamente para esse ato tão importante. De volta da igreja, não cabia em mim de contentamento. A cerimônia da renovação das promessas do batismo e da consagração à Santíssima Virgem foi feita com grande recolhimento. Pouco tempo depois, tive a felicidade de receber o sacramento da confirmação [...]. (CHEVALIER, 1988, p. 4-5).

Receber os sacramentos da iniciação à vida cristã despertaram nele o desejo de algo a mais, pois queria celebrá-los, tornando-se padre. Naquela época era preciso que a família arcasse com os gastos da formação, todavia, a sua família não estava bem, financeiramente, e sua mãe “[...] teve de mostrar-lhe com clareza a sombria situação das finanças domésticas. O pai tinha tido inúmeros contratemplos na padaria” (KERCK, 1987, p. 13-14). Sugeriu-lhe, então, que pensasse em outra profissão, o que fez ele chorar.

O que parecia um ponto final em seu sonho, segundo Kerck (1987) tomou outro rumo e conforme ele crescia, sua vontade de ser padre se manifestava ainda mais, porém não ter dinheiro para custear seus estudos no seminário permanecia um obstáculo. Foi, então, que com auxílio de professores que lhe doaram livros, ele passou a estudar por conta própria e, também, conseguiu exercer o ofício de aprendiz de sapateiro.

Posteriormente a isso, conforme Cuskelly (1979), em março de 1841, um senhor nomeado Justo, apareceu na cidade a procura de alguém que pudesse assumir a administração de matas que as Religiosas do Templo de Paris portavam na região de Vatan. “Recomendaram-lhe Jean-Charles Chevalier, que foi logo contratado” (CUSKELLY, 1979, p. 22).

Relatou Chevalier a fala do senhor Justo com seu pai: “[...] o senhor tem um filho que quer ser padre; com todo prazer, me encarregarei de arrumar para ele um lugar no seminário menor, se o senhor estiver de acordo e para coroar tudo, façamos nosso contrato” (CHEVALIER, 1988, p. 7). E foi graças a essa providência que ele e sua família se mudaram

para Vatan .

De acordo com Kerck (1987, p. 15), após se mudarem para o município de Vatan, foram procurar o padre deão da cidade, padre Darnault que ao conhecer os novos residentes, acolheu-os com simpatia em sua paróquia e ao saber da vontade de Júlio, pediu a um de seus vigários, padre Deldevèse para lhe dar aulas preparatórias. Dentre elas, latim que era exigido, para que assim pudesse ingressar ao seminário menor de Saint-Gaultier, fato que aconteceu em outubro do ano seguinte, 1842. Depois que ingressou no seminário, logo vieram crises, como escreveu Chevalier

Mal passados quinze dias da minha chegada, apoderaram-se de mim um aborrecimento mortal e uma profunda depressão. Queria, a todo custo, voltar para casa. Quase todos os dias, lá ia eu em lágrimas suplicar ao Superior que me deixasse ir embora. Homem sábio, prudente e experiente, aconselhou-me a esperar pelo retiro que devia começar logo. Em vez de se aborrecer, ele me recebia sempre com simpatia e me exortava a perseverar. "Isso não passa de tentação, dizia ele, tenha um pouco mais de paciência, reze. Você vai vencer." Este homem santo era o padre Avée, originário de Issoudun; tornou-se mais tarde cônego titular da catedral de Bourges e morreu muito idoso e cheio de méritos. O dia marcado para o retiro, chegou; pregou-o um padre jesuíta. Foi aí que a graça me esperava. Minhas dúvidas se dissiparam todas, a alegria voltou ao meu coração e fiquei feliz: o inferno fora vencido (CHEVALIER, 1988, p. 7).

Chevalier assim fez e, então, desistiu da ideia de deixar o seminário e seguiu firme. Sobre isso, descreveu Cuskelly (1979, p. 24) que ele, “[...] durante os anos de seminário, percorreu longo caminho; um homem que chegou a viver muito perto do Cristo. Ele, já era de todo coração [...]”. Nesses anos, aconteceu uma situação curiosa em que ele pode expressar sua fé. Numa das férias, em um passeio, ele se acidentou ao ser empurrado por colegas morro abaixo, em que diante desse perigo de morte iminente, ele gritou: “Meu Deus, tende piedade de mim!” (CHEVALIER, 1988, p. 8).

Em seguida, ao perder os sentidos, ele quase desfaleceu. E, quando lhe faltou a respiração, foi dado como morto pelos professores e colegas. Contudo, sua prece feita enquanto despencava foi atendida. “Abro os olhos e olho em volta de mim, com o espanto de alguém que desperta de uma profunda letargia” (CHEVALIER, 1988, p. 8). Após isso, o superior do seminário ao vê-lo, bendisse a Deus a dádiva de sua vida. Ainda que pensasse que haveria mudanças em seu comportamento, ele alegou que continuou sendo um estudante voltado para os estudos e obediente ao regulamento da casa.

Conseqüentemente, seu bom andamento acadêmico e vocacional teve como resultado a sua aprovação para o Seminário Maior de Bourges, cidade rica e bem desenvolvida, na França. Durante seus estudos nesse Seminário, teceu o pensamento para si próprio que o sistema cartesiano era falso e ultrapassado, uma vez que ele era ultramontano, ou seja, a sua principal referência foi Roma, no que diz respeito ao ensinamento da Igreja

Católica. Vale ressaltar que sua visão era contrária às ideias do galicanismo, movimento francês, cuja abordagem foi feita no primeiro capítulo deste trabalho (KERCK, 1987, p. 16).

Nesse tempo seu pai estava muito doente. Júlio chegou a tempo de vê-lo partir no dia 20 de agosto de 1848. Pouco tempo depois, sua mãe adoeceu e o médico deu-lhe pouco tempo de vida. Contudo, sua saúde foi restaurada, conforme foi relatado por Júlio: “graças, porém, às orações que foram feitas por muita gente, recuperou a saúde”. (CHEVALIER, 1988, p. 13). Após isso, ele regressou ao seminário e alguns estudos foram lhe despertando o que faria com que ele descobrisse uma vontade de Deus para sua vocação que ia além do sacerdócio.

O seminário, segundo Kerck (1987, p. 17) era guiado por uma espiritualidade de sulpiciano, baseada no pensamento de São Sulpício que consistia em se desfazer do homem velho para assim nascer um homem novo. Junto a isso, dois outros momentos lhe despertaram grande interesse. O primeiro quando o papa Pio IX agregou os anais da *Propaganda Fidei*, relata ele em suas notas íntimas que “a leitura dos Anais da Propagação da Fé despertou em mim o desejo das missões. Estava disposto a qualquer sacrifício para levar o Evangelho aos infiéis” (CHEVALIER, 1988, p. 13). Entretanto, seu diretor espiritual, padre Ruel, por querer que ele fosse ordenado e permanecesse na diocese, o orientou a falar disso depois, o que fez ele renunciar sua decisão, ao menos naquele momento. Um segundo momento que serviu como alimento para o que ele já estava sentindo é citado nestes termos:

Estudando o tratado da Encarnação, nosso professor completou-o com uma tese sobre a Devoção ao Sagrado Coração. Desenvolveu-a, com muita sabedoria e piedade. Transcrevia-a na íntegra. Essa doutrina me tocava o coração e quanto mais me aprofundava nela, mais crescia em mim o gosto pela sua beleza. Meu confessor me emprestou o livro sobre a vida da Bem-aventurada Margarida Maria, escrito por Dom Languet. Essa leitura despertou em mim um vivo desejo de me fazer apóstolo dessa devoção que o próprio Nosso Senhor apresentava ao mundo, como um meio poderoso de santificação e que desejava ver difundida por toda a parte (CHEVALIER, 1988, p. 13).

Com todos esses estímulos intelectuais, Júlio nutriu, assim, a vontade de fundar uma congregação que contasse com padres piedosos e zelosos. Tinha muitas ideias e ao querer criar uma ordem religiosa teria a oportunidade de seguir com a missão de revelar a bondade de Jesus a todos os necessitados. Então, reuniu um grupo de seminaristas, formando a União dos Cavalheiros do Sagrado Coração e Maria (Kerck, 1987, p. 18).

Essa inspiração divina que Júlio vinha sentindo significava um anseio em revelar o amor de Deus apresentado a humanidade com a Encarnação de seu Filho. Ele se sentia comovido com a necessidade de as pessoas conhecerem essa revelação de Deus. Faria isso através de pessoas consagradas ao Coração de Jesus. No grupo que ele conseguiu reunir

de seminaristas, era feito um revezamento para a adoração ao Santíssimo Sacramento. Além disso, eles conseguiam fazer reuniões de tempos em tempos. Dentre uma das discussões estava uma paróquia em Issoudun que não era bem-vista na diocese. “Ali a devoção ao Sagrado Coração seria o dardo mais apropriado para se arremessar contra a terrível indiferença religiosa” (KERCK, 1987, p. 18). Esse, inclusive, foi um dos males da França no século XIX, período em que Júlio viveu sua vida, formação e ministério, abordado no capítulo anterior.

Após ele receber as várias ordens antecessoras do presbiterato, escreveu Júlio que foi “ordenado na véspera da Santíssima Trindade de 1851, no dia 14 de junho, depois de cinco anos no seminário maior”(CHEVALIER, 1988, p. 13). Quando ele foi celebrar a primeira missa numa capela, cuja padroeira era Nossa Senhora, ele ficou tão tocado pelo profundo mistério da Eucaristia que estava celebrando que não conteve as lágrimas e só conseguiu retomar a celebração com a ajuda de outro padre que estava junto. Ele explicou que isso ocorreu porque se sentia indigno diante de tão grande mistério.

Depois de ser ordenado, Chevalier recebeu três nomeações que o colocaram em contato com três regiões diferentes, sendo elas: vigário paroquial em Ivoy-le-Pré, Châtillon-sur-Indre e Aubigny-sur-Nère. Na primeira, teve uma ferida, e lá permaneceu por sete meses. Na segunda que era maior, foi vigário de um padre idoso, onde criou guardas do Santíssimo Sacramento, visto que já havia tido experiência similar enquanto estava no seminário maior. Na terceira, foi para substituir um padre idoso e lá permaneceu até a morte do pároco-deão, quando fora liberado para sua quarta nomeação: Issoudum, onde ficara até sua morte (KERCK, 1987, p. 18).

O local, tinha a fama de ser a pior paróquia do bispado, embora fosse a capital do estado com boa moral e passado rico. Padre Ganier, professor de moral no seminário e influente no conselho do bispado, refletiu sobre esta situação e propôs a criação de uma casa de Missionários com a missão de normalizar a vida paroquial e estender os benefícios do apostolado a toda região de Berry. Chevalier, já ordenado padre, foi entusiasta dessa ideia e se colocou à disposição para colaborar (KERCK, 1987, p. 21).

3.2 Fundação da congregação dos Missionários do Sagrado Coração

As raízes familiares, pessoais e históricas apresentadas sobre Júlio Chevalier demonstram que os ensinamentos de sua mãe, sua consagração à Nossa Senhora e ao Sagrado Coração quando bebê e as práticas religiosas que foi desenvolvendo na infância, adolescência e durante o seminário, foram mantidas após ter sido ordenado padre. Todavia, ele já sentia em

seu coração que Deus o chamava a algo mais, algo que ele nutria dentro de si e que estava ficando cada vez mais próximo de acontecer. E, é sobre o desenrolar desse sonho, inspirado por Deus, a fundar uma congregação dedicada ao coração de Jesus que será, pontualmente, abordado nesse subcapítulo.

Chevalier seguiu para a paróquia em Issoudun, onde fora nomeado vigário. Ao chegar lá, deparou-se com um colega do seminário Maior de Bourges, padre Maugenest, também exercendo seu ministério como vigário paroquial. Para Chevalier, isso era uma motivação, pois seu colega era piedoso e talentoso como pode ser notado na sua descrição:

[...] era zeloso, bom, piedoso, generoso e complacente. Possuía uma memória prodigiosa e uma facilidade de comunicação fora do comum. Sua palavra era simples e muitas vezes eloquente. Sabia evitar em seus sermões dois defeitos: banalidades e ostentação. Em geral, falava mais ao coração do que à razão. Tinha um dom especial de tirar lições das pequenas coisas, de cativar seus ouvintes e de deixar sempre neles a melhor das impressões (CHEVALIER, 1988, p. 19).

Essas características de padre Maugenest, de acordo com os *Anais da Pequena Sociedade de Júlio Chevalier* (1984, p. 2), passaram a segurança que padre Chevalier precisava para partilhar seu plano de fundar uma congregação. Após partilhar com ele, Maugenest adorou a ideia e afirmou que comungava de pensamento parecido há um tempo. Mas, ressaltou que precisavam constatar se, de fato, era da vontade de Deus. E, enquanto olhavam para uma imagem da Imaculada conceição, tomaram a decisão de ir conversar com o padre Crozat, pároco de onde estavam. O pároco acolheu a proposta e se colocou à disposição para o que pudesse ajudar. Ao passo que Chevalier e Maugenest se abraçaram e disseram

Se Deus quiser esta obra do Sagrado Coração, ela haverá de se realizar, por mais intrincadas dificuldades que possam surgir, o importante é que tenhamos certeza da vontade divina. As circunstâncias não podem ser mais favoráveis. Estamos às vésperas da declaração do dogma da Imaculada Conceição de Maria. Nesse dia, haverá de se prodigalizar uma chuva abundante de graças no mundo, pois bem! Façamos uma novena preparatória para esta festa e peçamos Virgem Santíssima, como primeiro fruto da glória desta sua coroação pela Igreja, o nascimento desta nova Sociedade do Sagrado Coração. Como foi Maria que trouxe Jesus, fruto bendito de seu casto seio, que seja ela, uma vez proclamada Imaculada, aquela que faça surgir na Igreja, se for a vontade de Deus, essa nova família do Coração de seu Filho: ela fa-la-á brotar, por assim dizer, desse divino Coração, fonte de toda graça e de toda fecundidade. Se formos ouvidos, tomaremos o nome de Missionários do Sagrado Coração. Nossa missão própria será a de prestar ao Coração de Jesus, trono da sabedoria, do amor e da misericórdia, um culto especial de adoração, de veneração e de reparação, de difundir por toda a parte sua devoção, de dar a conhecer às almas, com todas as forças de nossa alma, todos os tesouros de santidade que ele possa encerrar, e procurar também, por todos os meios possíveis, que Maria seja amada e venerada de uma maneira especial (CHEVALIER, 1984, p. 3).

E assim fizeram, padres Chevalier e Maugenest, uma novena aos pés de Maria, à espera de algum sinal divino que pudesse impulsionar a ideia de ambos os presbíteros. Essa

novena culminou no dia 8 de dezembro de 1854 com uma missa, juntamente, com a proclamação do dogma da Imaculada Conceição por papa Pio IX. Ao fim da missa, um senhor foi até eles e disse que havia um benfeitor que queria fazer uma doação de 20.000 francos para que pudessem criar uma obra beneficente no Berry e que de preferência fosse uma sociedade de missionários. Os dois se alegraram por esse sinal tão rápido e disseram que “o aniversário de vossa Imaculada Conceição será daqui por diante o da conceição da nova Sociedade do Sagrado Coração de Jesus, pois, foi hoje que para ela se iniciou o mistério de sua vida!” (CHEVALIER, 1984, p. 3). Após esse sinal, eles foram apresentar ao cardeal Celestino DuPont, arcebispo de Bourges. No entanto, ele afirmou que faltava clareza e queria outra prova que pudesse servir de recurso para que essa obra pudesse viver.

Chevalier e Maugenest então fizeram outra novena à Nossa Senhora que culminaria na celebração do Santo e Imaculado Coração de Maria, no dia 28 de janeiro de 1855. Junto a novena, fizeram um contrato entre Maria e eles com as seguintes cláusulas:

Art. I.

Os padres que fizerem parte desta pequena congregação tomarão o nome de Missionários do Sagrado Coração de Jesus e procurarão preencher todo significado desse nome.

Art. II.

Terão um amor todo especial e uma ardente e particular devoção ao adorável Coração de Jesus, entregar-se-ão, com todas as suas forças, a fazê-lo amado e glorificado pelos sacerdotes e fiéis e reparar os ultrajes de que ele for vítima.

Art. III.

Como reconhecimento a Maria, considerá-la-ão, como sua Fundadora Soberana, associá-la a todas as suas obras e farão com que ela seja amada "de uma maneira peculiar". Seu Coração Imaculado será objeto de sua piedade. Enquanto possível, jamais farão suas prédicas sem que deixem de aparecer algumas palavras de louvor a Jesus e a Maria, como também procurarão não ouvir qualquer confissão sem que proponham esses dois Corações à invocação e ao amor de seus penitentes.

Art. IV.

O distintivo principal da capela representará o Coração adorável de Jesus, revelando-se ao mundo para salvá-lo, por intercessão de Maria Imaculada.

Art. V.

Haverá na capela:

1º - Uma imagem do Sagrado Coração de Jesus.

2º - Uma outra do Coração Imaculado de Maria. 3.º Um ex-Voto que haverá de perpetuar a memória do benefício alcançado.

Art. VI.

A festa principal da Companhia será a festa do Sagrado Coração de Jesus; as festas secundárias serão as da Imaculada Conceição, do Coração Imaculado de Maria, de São José, de São João Evangelista, de Santo Ursino, primeiro apóstolo do Berry... As festas da Santa Virgem, de modo particular, serão solenemente celebradas.

Art. VII.

Os Padres do Sagrado Coração, em sua vida íntima, imitarão de preferência a vida oculta de Maria no Templo e na Casa de Nazaré. Na sua vida apostólica, imitarão seu zelo pela salvação das almas e sua grande misericórdia para com os pecadores.

Issoudun, 18 de janeiro de 1855.-(CHEVALIER, 1984, p. 4-6).

Depois de muita oração e com esse contrato, conforme Kerck (1987, p. 25) apareceu uma pessoa generosa que se prontificou em doar mil francos por ano para ajudar na

manutenção da obra. Em seguida, os padres Chevalier e Maugenest apresentaram ao cardeal DuPont mais esse sinal. Ele acolheu e disse que levaria ao conselho do bispado para análise. Tal plano fora rejeitado por 3 vezes. Consta-se nos relatos que o cônego padre Gasnier se mostrou contrário a uma nova congregação e padre Champgrand afirmou que a casa de Issoudun deveria ser entregue a uma ordem existente. Mais uma vez, então, os dois padres missionários rezaram para Nossa Senhora pedindo que terminasse essa obra.

Em uma reunião do conselho, de acordo com Kerck (1987, p. 26) em 4 de junho de 1855, o arcebispo de Bourges colocou, novamente, o item Issoudun em pauta. Ele refletiu, rezou e como prometido aos padres Chevalier e Maugenest, se trouxessem um sinal de Deus, o que já haviam feito, daria início ao empreendimento com a compra de uma casa. No conselho, DuPont, diante da oposição mantida pelo conselho, argumentou que:

[...] meus senhores, refleti sobre isso e rezei. Até agora, nunca deixei de aceitar o vosso conselho. Desta vez, porém, deixo esse hábito, pois julgo que estaria contrariando os desígnios da Providência, se aceitasse o vosso ponto de vista. Prometi a esses dois sacerdotes que aprovaria o seu empreendimento, se trouxessem o sinal da vontade de Deus na providência concreta dos meios necessários à sua subsistência. Trouxeram o sinal, e eu empenhei minha palavra. Autorizo, pois, esses dois sacerdotes de Issoudun a morarem juntos e a darem início ao seu empreendimento. Passemos, agora à nomeação dos seus substitutos (KERCK, 1987, p. 26).

Com isso, Chevalier e Maugenest iniciaram as buscas por alguma propriedade que pudessem pagar e iniciar a obra. Um senhor chamado Voisin “ajudara o Padre Chevalier a encontrar a propriedade e a adquiri-la, emprestando-lhe mesmo 5.000 francos. Era necessário também fazer certas reparações, efetuar algumas transformações” (CUSKELLY, 1979, p. 25-26). E assim, com a ajuda desse senhor, começou a primeira capela dos Missionários do Sagrado Coração em uma granja.

Essa capela era simples e de aparência péssima. Ela comportava cerca de 500 a 600 pessoas. O cardeal marcou a cerimônia de instalação para o dia 12 de setembro de 1855, festa do Santo Nome de Maria. Todavia, nessa data ele estava doente e enviou seu vigário geral, padre Caillaud que fez um sermão que empolgou a multidão que participava, pela primeira vez, numa celebração pública, Chevalier e Maugenest foram chamados com o nome de Missionários do Sagrado Coração, nove meses após a concepção da congregação em 8 de dezembro de 1854 (CHEVALIER, 1988, p. 9).

Já nesse primeiro ano, “1855, que o Pe. Chevalier compôs um “esboço de regra” para a congregação. Coubera-lhe o encargo de “superior”, e exercia também as funções de “reitor” da capela pública” (KERCK, 1987, p. 27). E padre Maugenest por sua eloquência, se dedicava às pregações na capela e fora dela. Agora que estavam instalados,

Chevalier (1988, p. 9) expressou que era preciso estabelecer um superior. Inicialmente, pensaram em padre Crozat, o bondoso pároco que os acolheu e incentivou a fundação da Congregação. No entanto, ele recusou por sua avançada idade. Como o mais velho dos missionários era padre Chevalier, ele assumiu esse encargo. Ele e Maugenest resolveram se dedicar à vida religiosa, fazendo o noviciado. Em 1856, portanto, pronunciaram os votos de pobreza, castidade e obediência.

Eles não ficaram sozinhos por muito tempo. Ao longo do ano seguinte, 1856, juntou-se a eles, um velho conhecido de ambos, padre Piperon que era amigo deles durante o Seminário Maior. Ele é marcado como querido e venerado por Chevalier, segundo Cuskelly (1979, p. 47), porque “era ele o primeiro a rir. E suportava tal humilhação com aquela igualdade de humor e aquela facilidade de perdão que caracterizavam a humildade das crianças, a humildade mais perfeita que Jesus nos deu como modelo”. Dentre suas funções na congregação, serviu como Mestre de Noviços e assistente geral por muitos anos.

Com o tempo, outros problemas começaram a aparecer. Conforme Chevalier (1988, p. 27), após dois anos do início dos trabalhos, a capela ameaçava cair a qualquer momento, o que ocorreu na parte dedicada a São José. Em oração ao santo, os missionários conseguiram a verba para a reforma. Concomitantemente, chegou uma carta do bispado exigindo a interdição da capela até que a situação se regularizasse. Isso os inspirou a não mais reformarem a capela que caía, mas construir uma nova igreja e que ela fosse dedicada ao Sagrado Coração de Jesus.

Com a aprovação do sr. arcebispo, fizemos um apelo à piedade dos fiéis, pedindo uma contribuição de 25 centavos, oferecendo em troca um santinho do Sagrado Coração ou de Nossa Senhora, prometendo celebrar perpetuamente uma Missa pelos Benfeitores, em todas as primeiras sextas-feiras do mês, dia consagrado ao divino Coração de Jesus (CHEVALIER, 1988, p. 27).

Neste sentido, em virtude do estado precário da capela e a necessidade de se construir, o que chamaram de uma igreja de pedras vivas, padre Chevalier começou a Liga dos Homens do Sagrado Coração, indo nas casas das pessoas para que fosse aderida esta ideia, a qual obteve êxito e, aos poucos, na cidade que não havia muitos homens cristãos, o número de homens participantes foi crescendo (KERCK, 1987, p. 28).

Como era de se esperar, outro problema apareceu, agora em 1857. A fama da excelente pregação de padre Maugenest foi aumentando até o ponto de despertar interesse do cardeal que procurava, na época um substituto para a catedral de Bourges, uma vez que o arcebispo havia falecido. Maugenest até tentou recusar, porém o bispo foi incisivo em sua decisão e disse que se a obra deles era de Deus, a falta de um membro não comprometeria a continuidade dos trabalhos. Diante disso, relatou Chevalier (1984, p. 11) “para que tivéssemos

força para suportar essa provação, fomos muitas vezes em Peregrinação ao túmulo da bem-aventurada Margarida Maria Alacoque”.

Apesar disso, de acordo com Kerck (1987, p. 30), a partir de 1859, a saúde de Júlio Chevalier se complicou devido ao desequilíbrio emotivo e espiritual diante de alguns acontecimentos como o afastamento do padre Maugenest, a pedido do bispo e, a oposição do padre Champgrand decorrente da possibilidade de fundação de uma segunda igreja paroquial na cidade e a tensão com a desavença entre MSC e Saint-Cyr, ou seja, entre os religiosos recém fundados e os diocesanos.

Com tudo isso, Chevalier conseguiu tirar alguns dias de férias, entre o dia primeiro e o dia quinze de julho de 1859. Após rezar junto da imagem de Nossa Senhora da Salette, seguiu seu tour para a cidade de Ars, onde residia o padre João Maria Vianney, também conhecido como Cura d’Ars. Ele já se encontrava bastante debilitado e seu cuidador, padre Tocanier disse que ele não poderia receber visitas, o que Chevalier acatou e quando estava de partida, escutou uma voz lhe dizendo “senhor padre, senhor padre! [...] Perdoe-me, lhe peço, meu mau humor: somos, a cada instante de tal modo incomodados que não pude me conter. Entre, espere aqui, uns quinze minutos e você poderá ver nosso Santo Cura [...]” (CHEVALIER, 1988, p. 32).

Como padre Vianney havia dado uma melhorada, seu cuidador, permitiu que Chevalier o visse e quando isso aconteceu, tratou logo de contar-lhe sobre sua obra e as dificuldades que estava passando. Santo Cura d’Ars respondeu-lhe para manter a coragem e a confiança e que as provações pelas quais estava passando poderiam até piorar porque o que ele estava fazendo era obra de Deus para salvar almas e que isso incomodava o inferno. Acrescentou, padre Vianney, “o Coração de Jesus e sua boa Mãe haverão de intervir e seus inimigos é que serão confundidos” (CHEVALIER, 1988, p. 32). Padre Chevalier agradeceu, pediu-lhe orações e recomendou a ele as suas. Apenas poucos dias após a chegada dele a Issoudun soube da morte do santo.

Numa viagem posterior, em setembro de 1860, aos pés do papa Pio IX, padre Chevalier entregou uma carta do bispo de Bourges, Dom Menjaud, apresentando a congregação e, que com gentileza respondeu:

Muito bem! Muito bem, meu Filho. Estou vendo quem sois vós: trabalhais para consolidar uma Sociedade de Missionários do Sagrado Coração. Ah! que bela Obra! A Igreja e a Sociedade só podem depositar sua esperança no Coração de Jesus. Só ele será capaz de sanar todos os nossos males. Crescei e multiplicai-vos; pregai por toda parte esta salutar devoção ao Coração do Divino Mestre. Gostaria, antes de morrer, de dar à vossa Congregação a aprovação canônica(CHEVALIER, 1988, p. 34).

Diante desse fato, Chevalier, que era tão obediente ao papa, visto que era

ultramontano, ficou muito agradecido. Em seu livro *O Sagrado Coração de Jesus*, Chevalier (1991, p. 203) escreveu que ficou ainda mais grato porque Pio IX também aprovou o lema da congregação: “Amado seja por toda a parte o Sagrado Coração de Jesus. Eternamente!” Além de conceder 100 dias de indulgência à sua invocação. Isso o fez voltar ainda mais animado e encorajado para casa.

Padre Chevalier também queria plasmar uma sociedade do Sagrado Coração que fosse de grande amplitude e, além dos missionários em comunidade, abrangesse também um grupo de pessoas unidas em fraternidade devocional ou Ordem Terceira dos MSC, o que aconteceu, após algumas tentativas, em 1874, quando “escreveram-se novas regras e buscou-se nova forma de organização” (CUSKELLY, 1979). Ao cunhar essas novas regras, Chevalier queria que essa Ordem Terceira fosse integrada por pessoas que partilhavam do mesmo espírito e sentimentos de Cristo e que seu Coração fosse o modelo, cuidadosamente, estudado e amado por elas. Fato que acontece até o momento presente com o nome de Leigos da Família Chevalier.

Durante todo esse processo de fundação da congregação, uma figura muito presente e importante que teve e tem papel saliente na origem e crescimento da congregação que sustentou com firmeza a coragem do padre Chevalier é Nossa Senhora do Sagrado Coração. Esse título, criado por Júlio Chevalier em 1857, pode ser explicado pelo fato de que:

[...] mostra aquela que foi abençoada, dentre todas as mulheres, pelo Coração de um Deus que ama. Esta denominação indica-nos, ao mesmo tempo, a Mãe dos homens que não tem senão um só desejo: o de conduzi-los junto ao Coração de seu Divino Filho. Enfim, esse nome abençoado nos faz compreender que esta mãe celeste, participando do triunfo de Cristo na glória eterna, permanece nossa poderosa advogada junto ao Coração de um Filho que ama”(CUSKELLY, 1979, p. 33).

Em honra a esse título de Nossa Senhora, padre Chevalier dedicou uma igreja a ela. Uma festa seria feita com a coroação da imagem da santa que por prescrição de Roma deveria ter o menino Jesus nos braços, e fórmulas de oração também sofreram mudanças. Essa imagem idealizada por Chevalier em que o menino no colo de sua mãe aponta sua mão para ela e Maria aponta para o coração de seu filho, quer dizer que “é por intermédio da Minha Mãe que as riquezas do meu Coração serão partilhadas pela humanidade” (KERCK, 1987, p. 37). Os fiéis assim, a reconhecem como a Tesoureira do Coração de Jesus em que por meio dela, podem confiar suas preocupações e carências ao seu Filho.

Além da poderosa ajuda de Nossa Senhora, padre Chevalier, juntamente, com padres Maugenest e Piperon, confiaram o crescimento dessa obra de Deus se unindo a outros sacerdotes, cuja menção se faz necessária para os primeiros passos do avanço e organização da congregação. Para a vida religiosa precisavam formar continuamente novos membros

através de uma escola apostólica iniciada por padre Vandel que também seria chamada Pequena Obra do Sagrado Coração, diferenciando-se, a primeira por caráter espiritual e apostólico e a segunda por manutenção material e financeira. Segundo Kerck (1987, p. 35), padre Vandel “preocupava-se muito com a situação da fé e da vida cristã na zona rural. [...] Sua preocupação estendia-se também aos párocos que viviam sós e isolados e que precisavam de auxílio espiritual e material”. Diante disso, padre Chevalier, ao ouvir falar dele, pensou em unir suas iniciativas e propôs a padre Vandel que ingressasse os Missionários do Sagrado Coração, o que ele fez em 1865.

Outro padre que se juntou a congregação, nesse mesmo período, de acordo com Cuskelly (1979), foi Jean-Baptiste Guyot que, expressamente, solicitou que não publicassem biografias dele. Ele servia à diocese de Moulins quando em um retiro que pregou para padres do Sagrado Coração, sentiu o chamado à vida religiosa e fora encaminhado aos MSC, onde professou seus votos. “Estabeleceu-se o novo noviciado em Montluçon, e o primeiro mestre de noviços oficial foi o Padre Guyot [...]. O noviciado foi abençoado em agosto de 1869 e abriu suas portas a 12 de setembro”. (CUSKELLY, 1979, p. 73).

Além desses padres que foram se juntando, segundo Cuskelly (1979), vindo da diocese de Marselha, padre Victor Jouet foi um dínamo para a congregação que com muito vigor e entusiasmo iniciou a publicação dos Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração, em janeiro de 1866, para propagação da devoção. Além dos anais, começou procissão e um trabalho com zeladores que pudessem tornar a devoção mais conhecida.

No ano seguinte, de acordo com Kerck (1987, p. 44), em 10 de outubro, foi criada a primeira escola apostólica com 14 vocacionados no início. Já na Páscoa continha 27, mas acabaram se formando 5 e dois anos após, 1869, padre Chevalier obteve o decreto do louvor, referindo a um instituto com votos simples, sob o governo de um superior, reconhecendo os Missionários do Sagrado Coração (MSC) como uma congregação religiosa de direito pontifício.

Alguns anos depois, em 3 de junho de 1874, papa Pio IX aprovou, definitivamente, em audiência particular com os padres Chevalier, Vandel e Jouet, via decreto a sociedade do Sagrado Coração e que teria o “privilégio de ter Pio IX como superior pessoal e efetivo da pequena Sociedade de tal forma consagrada ao divino Coração de Jesus” (CHEVALIER, 1991, p. 204, tradução nossa).

Os trabalhos dessa pequena sociedade foram crescendo, em meio a obstáculos, até que papa Leão XIII pediu ao padre Júlio Chevalier para que aceitassem a missão nos grandes vicariatos da Melanésia e da Micronésia para evangelizar, e disse que “essa missão é difícil, eu sei, mas como vocês têm a padroeira das causas difíceis e desesperadas, por isso,

quero confiá-la a vocês. Aceitem e Deus abençoará seus esforços” (CHEVALIER, 1984, p. 25). Diante do pedido formal e esperançoso do papa, conforme Cuskelly (1979) em 1º de setembro de 1881 partiram os primeiros MSC para essa missão estrangeira da congregação levando o amor e a misericórdia do Sagrado Coração aos povos nativos.

3.3 Herança espiritual de Chevalier

Para que os Missionários do Sagrado Coração pudessem levar esse espírito proposto por padre Júlio Chevalier, é preciso recordar que ele foi se desenvolvendo ao longo de sua vida e durante todo período de fundação da congregação. Face aos problemas que existiam na França do século XIX, retratados no primeiro capítulo, as dificuldades que padre Júlio sofreu em sua infância e até que se tornasse padre relatados, na primeira parte deste capítulo, e todos os obstáculos que apareceram na fundação dessa, assim chamada, pequena sociedade, abordados na seção anterior, foram elementos que alimentaram e fortaleceram a fé, devoção e espírito de padre Júlio Chevalier no Sagrado Coração de Jesus.

Quando se fala da herança espiritual de um fundador é comum ver o uso das expressões carisma e espiritualidade e há uma literatura que busca distinguir o uso desses termos. Para Hans Kwakman, ele afirma que:

A palavra “espírito” é o conceito comum que está subentendido às palavras “carisma” e “espiritualidade”, pois as duas se referem ao Espírito de Deus. A palavra de origem grega “carisma” significa um dom gratuito do Espírito de Deus, uma capacidade espiritual derivada da graça de Deus (kadrís). Concretamente, a palavra “carisma” se refere aos dons do Espírito de Deus, derramados em nossos corações. A palavra “espiritualidade”, derivada do latim *spiritualitas*, que se relaciona com *spiritus* e *spiritualis*, era usada para traduzir o *pneuma* (Espírito) e *pneumatikós*, de Paulo [...] a palavra paulina “carisma” se refere ao “dom” do Espírito, enquanto a palavra “espiritualidade”, de origem latina, se refere ao “estilo de vida” da pessoa que recebeu o dom do Espírito. Entretanto é impossível separar “carisma” de “espiritualidade”, pois, se o carisma forma o coração da espiritualidade, toda espiritualidade autêntica é como o corpo do carisma (KWAKMAN, 2015, p. 24).

Todavia, nesse trabalho, será adotado o conceito abordado no documento *Perfectae Caritatis* do Concílio Vaticano II sobre a adaptação e renovação da Vida Religiosa que foi o espírito do fundador. Diz esse decreto que “[...] os Institutos mantenham a sua índole e função particular; por isso, sejam fielmente aceites e guardados o espírito e as intenções dos fundadores bem como as sãs tradições, que constituem o patrimônio de cada Instituto” (PC, n. 2b).

A partir desse esclarecimento, quando se fala do espírito do fundador, ou seja, a herança espiritual de padre Júlio Chevalier, será abordado o seu pensamento, especificamente, e não uma tentativa de trazer a história da devoção do Sagrado Coração que

tão bem foi trabalhada por diversos santos e santas, filósofos e teólogos ao longo do tempo. Para isso, é preciso voltar a sua principal fonte de escritos que foi o livro, já citado aqui, *O Sagrado Coração de Jesus*, para se compreender o que ele entendia e acreditava.

Ele era muito devoto do Sagrado Coração, sobretudo, quando um professor do Seminário Maior de Bourges abordou essa devoção através do Tratado da Encarnação, Chevalier (1988, p. 13) afirmou que “essa doutrina me tocava o coração e quanto mais me aprofundava nela, mais crescia em mim o gosto pela sua beleza”. Ele então começou a se aprofundar mais e, com isso, chegou ao pensamento de que:

Na substância de Deus, há uma parte íntima, que se chama o Coração de Deus. - Esta parte íntima, Deus o Pai a comunidade ao Filho e ao Espírito Santo. - É ali, neste Coração de Deus, que estão reunidas todas as perfeições divinas, é ali que reside a fonte da graça, a fonte de todo bem(CHEVALIER, 1991, p. 357, tradução nossa).

Para Chevalier, o Sagrado Coração representa o todo de Deus. É o seu verdadeiro coração que nos permite amar. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito” (Jo 3, 16). Foi por amor que Deus enviou seu Filho, como nos lembra São João. Com a Encarnação, Deus, no pensamento de Chevalier, derramou seu amor sobre toda a humanidade. Para ele “é pela graça, dela que o divino Coração é a mesma fonte, que Deus se comunica a cada um de nós, na vida presente” (CHEVALIER, 1991, p. 371, tradução nossa).

Interessante notar o estudo desse órgão e suas denotações, sobretudo nas Sagradas Escrituras. De acordo com Eugene J. Cuskelly, MSC, assegura ele que:

O uso da palavra “coração” é notável por sua frequência. É usado mais de 670 vezes. Emprega-se mais frequentemente que as palavras que significam “Deus” ou “Senhor”. Quase sempre é empregado em ligação com a vida humana, vista como uma só realidade de espírito e corpo (CUSKELLY, 1983, p. 64).

Com isso, indaga-se quais sentidos, nos livros sagrados, o termo coração tem para que assim se possa mergulhar na compreensão do que seria esse Sagrado Coração, cuja devoção por Chevalier se intensificou a partir das aulas no Seminário Maior. Cuskelly (1983, p. 78-81) resgata que na Bíblia, coração tem sentidos mais amplos do que as definições encontradas nos dicionários. Esse termo adquire diversas metáforas, tais como: peito, interior de alguma coisa, vida interior do homem, vida afetiva, sentimentos, vontade, vida intelectual, vida moral e religiosa.

Cuskelly (1983) argumenta ainda que na Bíblia, o coração, apesar de todos os sentidos antes apresentados, também é usado para representar a pessoa, como por exemplo em:

SI 22,15: "Eu me derramo como a água e meus ossos se desconjuntaram. Meu coração é como cera, derrete-se dentro de mim". SI 27,3: "Se um exército avança contra mim, meu coração não temera; se se declara guerra contra mim, ainda assim eu confio". A sinonímia é clara: o coração que não teme é o que confia. SI 45,2: "Meu coração palpita um belo poema; eu digo meus versos ao rei". Sinonímia entre o coração que diz comovido um poema e o eu que o recita ao rei. Jó 23,16: "Deus intimou meu coração e o Todo Poderoso me arrasou". Mc 2,8: "E Jesus conhecendo o que eles pensavam em si mesmos, disse-lhes: Por que pensais isso em vossos corações?". Em 2Cor 6,11, coração equivale a íntimo e à pessoa: "Nossa palavra tem sido clara para convosco, ó coríntios; nosso coração se abriu (pelo fogo de amor)"; 12: "Não nos fechamos para vós (em nosso coração); é no vosso íntimo que estais fechados; (dadme) vossa contrapartida (de amor); falo como se fosseis meus filhos: abri também vossos corações". Jo 16,22: "Assim também agora estais tristes, mas tornarei a ver-vos e vosso coração (vós) se alegrará e vosso gozo (a vossa alegria) ninguém poderá tirar". Col 4,8: "Estou enviando Tíquico a vós, para que... console os vossos corações"(CUSKELLY, 1983, p. 49).

Todavia, adverte Cuskelly (1983), que nem todas as vezes que aparece a palavra coração na Bíblia, quer dizer pessoa e que "só podem aplicar-se ao coração se este é equivalente à pessoa, o núcleo último e irredutível de nosso ser ao qual atribuímos todos os fenômenos de nossa existência" (CUSKELLY, 1983, p. 51). Portanto, se o coração representa a pessoa, ela não é só alma, espírito, corpo e carne, mas também é coração, quer dizer, são aspectos do ser humano e não partes. Com isso, falar desse Coração Sagrado vai além do órgão humano, enquanto Jesus encarnado, é considerar que representa o todo do Filho de Deus e não partes dele.

Para padre Júlio Chevalier (1991, p. 361, tradução nossa) "o amor tem um órgão especial, o coração. [...] Temos o Coração de Deus, ele quer ter o nosso. [...] Sua bondade, pois o bem que nos dá a Encarnação, é Deus, é seu Coração". De acordo com seu pensamento, Deus enviou seu Filho por amor e esse amor tem o coração como representação, por isso a melhor maneira de retratar esse amor é o Sagrado Coração de seu Filho. Esse coração não vem sozinho, mas é exprimido com o todo de Jesus Cristo, com seu espírito, alma, corpo e carne.

Diferentemente, de pensar uma espiritualidade voltada apenas para o céu ou para algo invisível, padre Chevalier, segundo Cuskelly (1979, p. 112) nutria amor pela humanidade, pelo todo da pessoa, suas necessidades e não somente a busca pela reparação espiritual de seus pecados. Ele via no Sagrado Coração de Jesus o remédio para os males da sociedade de sua época, descritos no primeiro capítulo deste trabalho. E, esse é o centro de sua herança espiritual. Como consta nas Constituições revisadas dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus de 2005:

O padre Chevalier estava profundamente sensibilizado pelos males que afligiam os homens de seu tempo. Contemplando o Coração de Cristo, no qual se revela o amor misericordioso do Pai, ele descobriu que este Coração era para o mundo o remédio para todos os seus males (CONST. MSC, 2017, n. 3).

Diante desse amor divino, “somos chamados a amar a Deus com um coração humano, humano em suas fraquezas, em suas vicissitudes, em suas inconstâncias. Não existem super-homens espirituais” (CUSKELLY, 1983, p. 13). Padre Chevalier, à frente de seu tempo, já resgatava a importância de se levar a humanidade adentro da espiritualidade. Ele se alimentava de uma profunda vida de oração, mas também considerava sua própria humanidade com todas as dificuldades que passou e suas condições para se poder ter os mesmos sentimentos do Coração de Cristo e afirma que a missão dos membros de sua congregação é:

[...] trabalhar para o advento do Reino de Deus, como Missionários do Sagrado Coração, nos vem da Igreja e pela Igreja. Aceitando esta missão como uma graça e como uma responsabilidade, queremos estar unidos à Igreja por um amor leal e fiel. Nós expressamos este amor e nossa abertura ao Espírito Santo em nossa comunhão com o Papa e os Bispos e em nossa disponibilidade no serviço ao Povo de Deus, de acordo com o fim e o espírito de nossa congregação (CONST. MSC, 2017, n. 27).

Trata-se, portanto, de um espírito encarnado na realidade, que vai ao encontro da necessidade das pessoas. É o encontrar-se com o Coração de Jesus para que alimentado por seu amor, possa levar esse divino remédio que jorra de seu Coração para os corações sedentos do povo de Deus, entendido como foi dito, o todo da pessoa. No entanto, isso só é possível mediante uma experiência profunda com esse Coração Sagrado, algo que Chevalier sabia já em sua época era que, na prática, acontecia pouco, pois as pessoas não amavam esse Coração o suficiente porque não o conheciam. Nesse pensamento de Chevalier, lembra Kwakman que:

Quando alguém conhece Jesus como Ele é na realidade, o amará, e, amando-o, vencerá o egoísmo com relação aos vizinhos e a indiferença com relação a Deus e à religião. Agora, segundo Chevalier, a melhor maneira de se conhecer Jesus é através da Devoção ao Sagrado Coração, que levará a pessoa ao Jesus dos Evangelhos. Chevalier, apresentando os episódios do Evangelho, mostrava como Jesus se preocupava com os doentes e os pobres. Falava com entusiasmo sobre a bondade de Jesus para com a mulher pecadora e a mulher surpreendida em flagrante de adultério; sua preocupação com Jairo, chefe da sinagoga cuja filha tinha morrido, e pela viúva de Naím levando seu único filho para ser sepultado. Entretanto para Chevalier, o sinal que melhor revela o amor de Jesus pela humanidade é o da Encarnação (KWAKMAN, 2015, p. 46).

Novamente, aparece no pensamento e reflexões acerca da herança espiritual de padre Chevalier, a devida importância que a Encarnação teve em seu legado. Para ele, foi por meio dela que Jesus Cristo, filho de Deus demonstrou o amor que circulava em seu Coração, “se faz homem, desejoso de viver entre nós e conosco e abraça a condição humana com todas as consequências” (KWAKMAN, 2015, p. 46). No pensamento de padre Chevalier, esse amor estendeu-se também com a paixão do Filho, pois ele “via o sofrimento de Jesus como o último grande dom derramado do Sagrado Coração de Jesus e que é capaz de acabar com a indiferença” (KWAKMAN, 2015, 46-47).

Esse é outro momento chave na herança espiritual deixada por Chevalier: a Encarnação e a Paixão e morte de Jesus Cristo. Para ele, esse mistério de amor e misericórdia derramado na cruz em forma de sangue e água é a Igreja, o corpo místico de Cristo e precisa ser levado a todos os povos. Foi a partir desses dois eventos, encarnação e morte na cruz, que padre Chevalier disse que viu nascer um mundo novo e somente esse divino remédio jorrado do Coração aberto e traspassado de Jesus é capaz de restaurar tudo, expiar os pecados e trazer vida à humanidade também dilacerada por tantos problemas (CHEVALIER, 1991, p. 158).

É verdade que em sua época, muitas espiritualidades como a de Santa Margarida Maria, São João Eudes e outros devotos do Sagrado Coração de Jesus enfatizavam a reparação como principal elemento para essa devoção. Para Chevalier (1991, p. 183, tradução nossa), essa reparação consistia em alguns atos como “o conhecimento, a adoração, o amor, a satisfação, a oração, o louvor, a súplica, a ação de graças, a imitação, a união com Jesus Cristo, o zelo pela sua glória e pela salvação das almas e mortificação”. Na visão dele, a reparação se fazia necessária, mas devia ser realizada, conjuntamente, com essas ações para a expiação dos males provocados contra o Sagrado Coração de Jesus, haja vista ser ele a fonte da graça pela qual Deus se comunica com a humanidade no presente.

Assim como Jesus Cristo veio à Terra com uma missão e todas as suas ações se voltaram para ela, o ser humano deveria voltar suas ações para se assemelhar cada vez mais a Ele. Segundo Cuskelly (1978, p. 119) “Cristo na sua misericórdia, está voltado para a salvação da humanidade: o Bom Pastor vai em busca da ovelha perdida, convida a todos os homens a vir a seu encontro, para que encontrem repouso para suas almas”. Desse modo, quando padre Chevalier escolheu colocar o termo missionários no nome da congregação, de acordo com Joaquin Herrera, MSC, ele teve uma intenção específica, “[...] usou o termo missionário, no sentido mais amplo de serem enviados aos que têm necessidade, para levar-lhes “os tesouros do amor e da misericórdia do Coração de Jesus” (HERRERA, 1981, p. 35). Com isso, a vida religiosa da congregação se torna ativa, algo que foi de encontro com o decreto *Perfectae Caritatis*:

A atividade apostólica e de beneficência, como o exercício do santo ministério e as obras de caridade próprias, que a Igreja lhes confiou e que eles devem exercer em seu nome. Por isso, toda a vida religiosa dos seus membros seja imbuída de espírito apostólico e toda a sua ação apostólica seja informada pelo espírito religioso. Para corresponderem à sua vocação de seguir a Cristo e servir ao próprio Cristo nos Seus membros, é necessário que a sua ação apostólica dimane da sua união com Cristo. Sucederá que, desta forma, se alimenta a caridade para com Deus e para com o próximo (PC, n. 8).

Imbuído desse mesmo espírito que estaria presente no Concílio Vaticano II, padre Chevalier, já muito antes, nas constituições, colocou o amor, fruto da devoção ao

Sagrado Coração, para com Deus e o próximo, como uma resposta visível no apostolado, como pode ser visto que:

O Coração traspassado de Cristo é o sinal do amor encarnado de Deus. Por isso, a devoção ao Sagrado Coração, tal como a entende a Igreja, é a devoção ao amor com que Deus nos amou em Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, ela exprime nosso amor para com Deus e para com nosso próximo (CONST. MSC, 2017, n. 15).

O entendimento da importância dessa devoção pela Igreja Católica, conforme Chevalier (1991) foi marcado pela ordem do papa Pio IX, via decreto pela Congregação de ritos, em tornar a missa e festa do Sagrado Coração obrigatórias em toda a Igreja, a partir de 1856, no intento de que todos o amassem e o honrassem. Nesse sentido, e diante da congregação fundada por padre Júlio Chevalier, afirmou Papa Pio IX:

Este trabalho parece responder bem à necessidades do nosso tempo: é por isso que rezo pela vossa prosperidade. Eu te abençoo de todo o coração. Gostaria que todos os sacerdotes participassem. Crescer e multiplicar: Crescite et multiplicamini. A Igreja e a sociedade não têm outra esperança senão no Sagrado Coração de Jesus, é Ele quem os curará de todos os males. Pregar e difundir em todos os lugares a devoção ao Sagrado Coração; ela será a salvação do mundo (CHEVALIER, 1991, p. 203, tradução nossa).

Quando Papa Pio IX se refere às necessidades do tempo, conforme tratado no primeiro capítulo desse trabalho, sobretudo o jansenismo, racionalismo e liberalismo, padre Chevalier via esses sistemas “como atingindo pessoas, dando-lhes um sentido falso dos valores, tendo como consequência um esquecimento do Cristo e de seu amor, e conduzindo ao rigorismo e à desilusão” (CUSKELLY, 1979, p. 113). A preocupação maior de Chevalier não era com os sistemas políticos, econômicos e religiosos, mas em como eles atingiam as pessoas; as perturbações sociais, materiais e religiosas que provocavam danos, sobretudo para com os pobres e os que mais sofriam com esses males de seu tempo.

As raízes mais profundas desses males no espírito de Chevalier eram o egoísmo e o indiferentismo. As pessoas que viviam a primeira atitude se caracterizavam por voltarem seus olhos para bens perecíveis, esquecendo-se assim das coisas de Deus. E as pessoas marcadas pela segunda atitude até podiam aceitar Jesus, mas suas práticas divergiam dos ensinamentos cristãos e suas preocupações se davam com o aqui e o agora, deixando o amanhã e o depois dessa vida para pensarem, tardiamente (KWAKMAN, 2015, p. 78).

Para Chevalier (1991, p. 198-199), as características desses sistemas, a saber: o orgulho, o servilismo para o Estado e o espírito de divisão só podiam encontrar solução por meio dos sentimentos do Coração de Jesus como sua humildade profunda, obediência, nobre e generosa firmeza, imensa caridade e unidade. Por isso, afirma Cuskelly (1979) que Chevalier descobriu na devoção ao Sagrado Coração, o amor e a misericórdia de Cristo pelas pessoas,

pois

“durante sua vida mortal, ele sentia-se feliz em comunicar todas as ternuras de seu Coração aos pequenos, aos humildes, aos pobres, aos que sofrem, aos pecadores e a todas as misérias da humanidade. A visão de um infortúnio, de uma infelicidade, de uma dor qualquer, movia seu Coração à compaixão” (CHEVALIER apud CUSKELLY, 1979, p. 116).

E, esse divino remédio, amor e misericórdia, que jorra do Sagrado Coração de Jesus, que o padre Júlio Chevalier deixou como herança espiritual em sua congregação a fim de que os membros possam tornar amado em todas as partes esse Coração.

Considera-se, nesse segundo momento, que num contexto de tantos males e sofrimentos do século XIX e uma Igreja marcada pela resistência à modernidade, Deus chamou à vida um homem à frente de seu tempo que já no seio de sua família enfrentava na pele as dificuldades de sua existência, todavia, soube usar de todos os obstáculos que foram aparecendo para torná-los meios nos quais ele podia utilizar para seguir em frente. Ele passou por uma profunda conversão pessoal, diversas dificuldades financeiras e ao longo de sua formação acadêmica e no seminário, problemas variados na fundação da congregação e intempéries com os colegas, mas mergulhado no Sagrado Coração de Jesus, encontrou o remédio que precisava para se curar e espalhar aos que estivessem à sua volta, o amor e a misericórdia de Deus. Esse divino remédio seria capaz de curar os males e ajudar as pessoas a se sentirem amadas e abraçadas pela misericórdia de Deus e assim poderiam empregá-lo na sociedade, tornando-a mais justa, fraterna e humana.

4 AS PROPOSTAS DE REMÉDIOS DE PADRE CHEVALIER PARA OS MALES DA SOCIEDADE ATUAL NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO

Como visto no capítulo anterior, diante da realidade que permeou o século XIX e a vida de padre Júlio Chevalier, com a inspiração divina, ele deu início a um modo de conduzir a interpretação do tempo e das pessoas a partir do amor e da misericórdia de Deus. No entanto, permanece uma questão: nos tempos atuais, como essa herança espiritual se faz presente e como pode ajudar diante dos problemas que continuam afligindo o coração das pessoas?

Para tentar responder a esse questionamento, serão apresentadas, de forma geral, algumas problemáticas da sociedade global, e à luz do pontificado do Papa Francisco sobre o amor e a misericórdia de Deus, como a herança espiritual de Chevalier dialoga com isso como uma proposta de remédio aos males de nosso tempo.

4.1 Males da sociedade do século XXI

Cada época e cada sociedade possuem sua realidade que é retratada na literatura, jornal ou alguma fonte de informação verídica e factível. Nesse sentido, há diversas realidades, desde as mais simples às mais complexas, das mais miseráveis às mais abastadas e assim por diante. Fato é que não há época nem sociedade que não precise conviver com os males de seu tempo.

Diante da realidade da sociedade do século XXI, afirma padre Alfredo Bour, MSC: “mais que em outras épocas, hoje a pessoa humana está em busca de amor e misericórdia” (BOUR, 2008, p. 42). Segundo ele, mais do que qualquer outro período da história, o ser humano tem sofrido com violências, torturas, perseguições e tem sido reduzido a moléculas que se podem manipular. Por isso, para ele, é preciso resgatar a dignidade do indivíduo feito à imagem de Deus. Todavia, isso não pode ser realizado sem uma fonte, a qual, para Bour, é o amor, entendido num duplo movimento: “amar a Deus que de tal modo amou o mundo que lhe deu seu próprio Filho. Amar o homem que Deus de tal modo amou que por ele morreu numa cruz” (BOUR, 2008, p. 44).

Nesse contexto, o Papa Francisco (2015) na Carta Encíclica *Laudato Si* propôs um olhar mais abrangente para o mundo que Deus criou, chamando assim de casa comum e coloca todas as pessoas como responsáveis pelo que acontece nessa casa, na mãe terra que São Francisco chamou de irmã:

Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus

proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que geme e sofre as dores do parto (Rm 8, 22). Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos (LS, n. 2).

De acordo com Papa Francisco (2015, n. 2), somos parte do planeta que habitamos e tudo que causamos nele, acaba por afetar a nós mesmos. É imprescindível que o cuidado conosco se estenda a toda mãe terra e também leve em consideração que as gerações futuras dependerão da forma com que tratamos o nosso planeta, caso contrário, as dores de parto, como diz o pontífice, tenderão a piorar.

Vale ressaltar o que o bispo de Roma acrescenta na *Laudato Si* outros problemas existentes em nosso tempo que afetam todos os dias as pessoas. A poluição visível em tantas grandes cidades e que prejudicam os mais pobres e os que sofrem com problemas respiratórios; os resíduos que atingem toda a natureza e saúde da população, acumulando cada vez mais enormes quantidades de lixo; a cultura do descarte que prioriza a produção e o lucro e não considera a redução, reutilização e reciclagem dos materiais produzidos (LS, n. 180).

O Papa Francisco também alerta para o esgotamento dos recursos naturais, pois, para ele, “já se ultrapassaram certos limites máximos de exploração do planeta, sem termos resolvido o problema da pobreza” (LS, n. 27). Ele chama atenção para o uso correto e o desperdício da água potável e limpa. Nem todo lugar no planeta a possui com abundância, como pode ser visto sua escassez na África. A forma como ela tem sido gestada e cuidada ao redor do mundo ocasiona problemas de saúde e até mortes. Caso ela não seja bem administrada, os custos de um modo geral tendem a aumentar e a vida humana, animal, vegetal e mineral a diminuir.

Outra situação problemática apontada por Francisco na *Laudato Si* é o aumento desenfreado e a falta de planejamento das cidades que consomem muitos recursos e produzem muito lixo. Com isso, gera-se uma desigualdade planetária de infraestruturas, sociais e de saúde. Ele assinala que:

[...] muitas vezes falta uma consciência clara dos problemas que afetam particularmente os excluídos. Estes são a maioria do planeta, milhares de milhões de pessoas. [...] não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres. (LS, n. 49).

Diante dessa realidade, Papa Francisco (2020) em Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, resgata alguns conselhos de São Francisco: “o convite a um amor que ultrapassa as barreiras

da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro, o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si” (FT, n. 1).

Tanto na *Laudato Si* quanto na *Fratelli Tutti*, o pontífice argentino, inspirado por São Francisco, deixa claro que é impossível amar a Deus e não amar a seu próximo que, juntamente, com toda a natureza, é criação de Deus. É preciso ir além de si mesmo e sentir-se responsável pela casa comum com tudo o que há nela, a saber: os fatores bióticos e abióticos.

Nessa linha de pensamento que trata do modo que se deveria ver, tratar e cuidar do próximo como sendo um irmão ou irmã, o Papa Francisco, na *Fratelli Tutti*, alerta para as sombras de um mundo fechado em que as pessoas querem começar tudo do zero deixando de lado a consciência histórica e desprezando a sabedoria e experiência das pessoas mais velhas, o que favorece aquelas que desejam se aproveitar dessas realidades. Acerca disso, o pontífice chama de novas formas de colonização e frente às consequências delas, ele questiona: “que significado têm hoje palavras como democracia, liberdade, justiça, unidade? Foram manipuladas e desfiguradas para utilizá-las como instrumento de domínio, como títulos vazios de conteúdo que podem servir para justificar qualquer ação” (FT, n. 14).

De encontro a essa afirmação de Francisco, Vilma Lemos argumenta que

[...] somos os únicos seres do universo que utilizam a comunicação para convencer, e os únicos também capazes de mentir, fazendo crer com palavras o que os atos não confirmam. [...] O recurso mais moderno encontrado na 'arte' da persuasão despontou na metade do século XX com a publicidade, que visa a moldar as consciências segundo a sociedade de consumo e a cultura de massa (LEMOS, 2004, p. 389).

Nota-se com isso, como a palavra tem o poder de induzir, controlar e manipular a consciência das pessoas, servindo de subterfúgio para se obter vantagens, privilégios e lucros. Não se vale, portanto, da palavra, no sentido de construir, edificar ou beneficiar a população, mas seu uso tem caminhado na direção do abuso de poder e em nome do autobenefício que poderia ser traduzido em egoísmo. Ressalta-se com isso a fala do bispo de Roma de que caso não seja retomado o real significado das palavras democracia, justiça e liberdade, a prática de uma fraternidade social, o cuidado com a casa comum e um projeto de desenvolvimento que seja para todos, é apenas uma justificativa para qualquer ação.

Nessa encíclica, Francisco também aponta o fato dos direitos humanos, assegurados desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, não serem suficientemente universais, quer dizer:

[...] observando com atenção as nossas sociedades contemporâneas, deparamos com numerosas contradições que induzem a perguntar-nos se deveras a igual dignidade de todos os seres humanos, solenemente proclamada há 70 anos, é reconhecida, respeitada, protegida e promovida em todas as circunstâncias. Persistem hoje no

mundo inúmeras formas de injustiça, alimentadas por visões antropológicas redutivas e por um modelo econômico fundado no lucro, que não hesita em explorar, descartar e até matar o homem. Enquanto uma parte da humanidade vive na opulência, outra parte vê a própria dignidade não reconhecida, desprezada ou espezinhada e os seus direitos fundamentais ignorados ou violados (FT, n. 22).

Recordando, o que padre Chevalier, no século XIX, apontou como males do seu tempo, é nítido que persistem ainda hoje, dois séculos depois, a pobreza, o egoísmo, as injustiças e a indiferença, também retratados nos documentos do magistério atual. As pessoas mudaram, o avanço em todas as áreas é significativo, todavia, parece que a consciência da humanidade continua obstinada a manter os mesmos problemas, século após século. A Igreja tem, através dos pontificados e documentos produzidos ao redor do mundo, chamado atenção e provocado os governos a viverem o Evangelho de Cristo, voltando-se para os mais necessitados, numa busca, como reclamou a Revolução Francesa, de igualdade, fraternidade e liberdade, no entanto, as lideranças dos países escutam apenas seus próprios interesses e manipulam as palavras como bem lhes convir.

Considerando essa preocupação, anos antes, na encíclica *Laudato Si*, Papa Francisco já demonstrava sua inquietação com a reação fraca da política internacional que sobrepe a tecnologia e as finanças sobre o meio ambiente e, o interesse particular sobre o bem comum, como pode ser visto, no atual cenário mundial, permeado por disputas que:

[...] perante o esgotamento de alguns recursos, se vá criando um cenário favorável para novas guerras, disfarçadas sob nobres reivindicações. A guerra causa sempre danos graves ao meio ambiente e à riqueza cultural dos povos, e os riscos avolumam-se quando se pensa na energia nuclear e nas armas biológicas” (LS, n. 57).

Acerca disso, basta ler ou assistir algum noticiário para perceber que há muitas guerras em andamento no planeta, como informa Ricardo Senra em um artigo para o site da *BBC News Brasil* que:

Junto à guerra entre Israel e o Hamas na Faixa de Gaza, que desde 7 de outubro acumula milhares de mortos, e à invasão russa contra a Ucrânia, que completará dois anos em fevereiro de 2024, conflitos armados em grande escala estão acontecendo neste momento em Burkina Faso, Somália, Sudão, Iêmen, Mianmar, Nigéria e Síria (SENRA, 2023).

Infelizmente, quando se acompanha as notícias dessas tristes situações, as vidas das pessoas tornam-se números de mortos ceifados pela disputa entre lideranças governamentais, como pode ser observado:

O aumento brusco em 2022 foi puxado principalmente por duas guerras particularmente violentas: Rússia e Ucrânia e a guerra na Etiópia contra a TPLF (Frente de Libertação do Povo Tigray), com mais de 81.500 e 101.000 vítimas fatais respectivamente, até o fim de 2022. A guerra civil no Iêmen, que segundo a ONU já

causou mais de 300 mil mortes desde seu início em 2014, também continua sem horizonte visível para seu fim (SENRA, 2023).

Esse panorama, segundo o Sumo Pontífice, mostra que o mundo não aprendeu com as consequências das guerras mundiais do século anterior e demonstra sinais de regressão e perda do sentido social disfarçados por uma conjecturada defesa dos anseios da nação. Esse suposto nacionalismo impregnado por alguns líderes refere uma falha da supremacia da dignidade humana no rol de interesses políticos dos governos. Argumenta a respeito disso, Papa Francisco que:

Quando o homem pensa só em si mesmo, nos seus próprios interesses e se coloca como no centro, quando se deixa fascinar pelos ídolos do domínio e do poder, quando se coloca no lugar de Deus, então deteriora todas as relações, arruína tudo; e abre a porta à violência, à indiferença, ao conflito (FRANCISCO, 2014, p. 87).

Os números mostrados, anteriormente, comprovam essa afirmação do Papa Francisco e revelam os efeitos do egoísmo humano, concentrado nas mãos de poucos que se acham deuses ou heróis do povo e devido suas atitudes acabam ceifando vidas e conquistando seus próprios interesses às custas de pessoas com histórias e famílias.

Ainda sobre as ações humanas no planeta, na Exortação Apostólica *Laudete Deum*, o Papa Francisco recorda que as mudanças climáticas são de responsabilidade do ser humano, como vem sendo falado neste capítulo acerca das escolhas egoístas e abusivas das lideranças governamentais e do consumismo exagerado da população (LD, n. 24). Ele fala, novamente, da tentativa por parte de pessoas engajadas e organizações que buscam minimizar os efeitos das mudanças climáticas. Todavia, reafirma a falta de informação e de conscientização por parte da maioria das pessoas. Ele, ainda, traz algumas informações sobre as causas como o uso de combustíveis fósseis e emissões de gases com efeito estufa que tem levado ao aumento das temperaturas e do nível dos oceanos, poluição dos recursos naturais e intensificação dos problemas sociais. Ele, com suas palavras, depõe:

Vejo-me obrigado a fazer estas especificações, que podem parecer óbvias, por causa de certas opiniões ridicularizadoras e pouco racionais que encontro mesmo dentro da Igreja Católica. Mas não podemos continuar a duvidar que a razão da insólita velocidade de mudanças tão perigosas esteja neste facto inegável: os enormes progressos conexos com a desenfreada intervenção humana sobre a natureza nos últimos dois séculos. Os elementos naturais típicos que provocam o aquecimento, como as erupções vulcânicas e outros, não são suficientes para explicar a percentagem e a velocidade das alterações registadas nos últimos decénios. A evolução das temperaturas médias da superfície não pode ser sustentada sem a influência do aumento de gases com efeito estufa (LD, n. 14).

Percebe-se que mesmo o que parece óbvio, precisa ser dito ou lembrado de tempos em tempos. É como se as pessoas acabassem se acostumando com os problemas e

perdem a esperança de dias melhores e mudanças positivas que impactem suas vidas e das gerações futuras. Enquanto isso, vão definhando, pouco a pouco, à medida que os recursos naturais vão se esgotando, a natureza vai ficando mais radical e a saúde vai ficando dependente de tratamentos estéticos e medicamentos milagrosos.

Nessa linha de pensamento do Papa Francisco, no mesmo ano de 2023, o IPCC, Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, disponível a versão traduzida não-oficial no site do governo federal, argumentou que:

As atividades humanas, principalmente através das emissões de gases de efeito estufa, inequivocamente causaram o aquecimento global, com a temperatura da superfície global atingindo um valor 1,1°C mais alto entre 2011-2020 do que no período de 1850-1900. As emissões globais de gases de efeito estufa continuaram a aumentar, com contribuições históricas e contínuas desiguais decorrentes do uso insustentável de energia, do uso da terra e da mudança no uso da terra, dos estilos de vida e dos padrões de consumo e produção entre regiões, entre países e dentro deles, e entre indivíduos (alta confiança) (IPCC, 2023, p. 20).

Esse documento demonstra que as ações humanas que vem sendo descritas neste capítulo impactam a disponibilidade de água e produção de alimentos; a saúde e bem-estar das pessoas; as cidades, assentamentos e infraestruturas; as biodiversidades e ecossistemas e faz refletir até que ponto as gerações de agora e futuras conseguirão lidar e viver em um mundo cada vez mais quente e com mudanças tão rápidas dependendo das escolhas que o ser humano vem fazendo e fará. Outro fator agregado às mudanças que vem ocorrendo ao redor do planeta, conforme esse documento, diz respeito à migração das pessoas, algumas se mudam por questões econômicas, outras familiares, e outras ainda são deslocadas, forçadamente, devido guerras, conflitos e as alterações que a natureza vem sofrendo devido à ação do ser humano. A esse último grupo de migrantes é atribuído a palavra refugiados.

Para essas pessoas, Papa Francisco atenta à questão de como são recebidos, tratados e direcionados, como se não bastasse a situação de ter que deixar terra, familiares e tudo para trás, como pode ser visto a seguir:

Ainda por cima, nalguns países de chegada, os fenômenos migratórios suscitam alarme e temores, frequentemente fomentados e explorados para fins políticos. Assim se difunde uma mentalidade xenófoba, de clausura e retraimento em si mesmos. Os migrantes não são considerados suficientemente dignos de participar na vida social como os outros, esquecendo-se que têm a mesma dignidade intrínseca de toda e qualquer pessoa. Consequentemente, têm de ser eles os protagonistas da sua própria promoção. Nunca se dirá que não sejam humanos, mas na prática, com as decisões e a maneira de os tratar, manifesta-se que são considerados menos valiosos, menos importantes, menos humanos. É inaceitável que os cristãos partilhem esta mentalidade e estas atitudes, fazendo às vezes prevalecer determinadas preferências políticas em vez das profundas convicções da sua própria fé: a dignidade inalienável de toda a pessoa humana, independentemente da sua origem, cor ou religião, e a lei suprema do amor fraterno (FT, n. 39).

O pontífice em sua afirmação recorda um direito garantido na Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Constituição Federal de 1988. Diz a Declaração de 1948 que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade” (ONU, 1948, art. I). Nesse mesmo sentido, a Constituição Federal assegura que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (BRASIL, 1988, art. V). Isso corrobora as preocupações e afirmações do Papa Francisco em seus documentos, lembrando que todo ser humano é digno e merece ser tratado com igualdade, independente de suas características.

4.2 Amor como remédio para os males do século XXI

Quando se fala em amor, logo se pensa naquele tipo existente entre duas pessoas que se amam, um casal. No entanto, Papa Francisco ao falar do amor fraterno na encíclica *Fratelli Tutti* quis se referir ao amor que deveria ser colocado em prática entre todas as pessoas, visto sermos irmãos e irmãs, filhos e filhas do mesmo Deus. E como todos são irmãos, deveriam cuidar uns dos outros, não importando a quem, respeitando a dignidade e individualidade de cada um, tendo assim, a mesma atitude do bom samaritano que ao se deparar com alguém caído ao longo de seu caminho, sentiu compaixão e o ajudou.

Nesse sentido, padre Chevalier responde a quem poderia dizer ser impossível seguir esse conselho do pontífice argentino na prática, trazendo o meio pelo qual se é possível sentir e distribuir esse amor vindo do Sagrado Coração.

Na devoção ao Sagrado Coração, que nestes últimos tempos o céu nos oferece como meio de salvação e remédio soberano para os males do mundo, Nosso Senhor faz do seu divino Coração o complemento precioso das nossas fraquezas, do qual podemos tirar proveito. Nós mesmos para elevarmos nossas orações e nossos méritos a proporções infinitas; e também o torna um meio fácil que a natureza humana pode utilizar para alcançar a perfeição, o grande preceito do amor, e cumprir todas as obrigações que contém (CHEVALIER, 1991, p. 185, tradução nossa).

Para o padre Chevalier (1991, p. 120), o amor é o objeto formal da devoção ao Sagrado Coração e por isso ele incentivou tanto as pessoas a serem devotas, pois sabia que isso sensibilizaria o amor necessário para as pessoas reconhecerem o amor de Deus por elas, e se sentindo amadas poderiam amar seus irmãos e irmãs, ou seja, um amor que se multiplica, assim como fez Jesus que amado pelo Pai amou a todos até as últimas consequências, consciente de sua missão, não titubeou. Esse amor teria uma sede que segundo Chevalier é o coração e, para ele, Deus poderia ter criado o ser humano sem tê-lo, mas, certamente, isso

alteraria a estrutura de nosso corpo e nossos afetos, conforme podemos observar na citação a seguir:

“[...] Deus poderia ter organizado o homem, sem lhe dar um coração. Por que não poderia sustentar a vida, depois de ter removido uma víscera principal? Certamente isto seria uma revogação das leis atuais e ordinárias de nosso organismo; mas esta revogação não constitui uma impossibilidade absoluta; tem nome na Igreja Católica, seria chamada de milagre”. [...] o coração do homem, como o de Jesus, continuará sempre a ser sede de afetos sensíveis e órgão de amor (CHEVALIER, 1991, p. 147, tradução nossa).

Nas palavras do padre Chevalier, ter um coração é um milagre, pois é a sede da sensibilidade e do amor, e, retomando as palavras do padre Bour, no início deste capítulo, hoje mais do que nunca as pessoas precisam de amor, pois é por meio dele que os problemas apontados, anteriormente, podem ser solucionados. Nessa perspectiva, tomando as palavras de São Paulo em sua carta aos Coríntios, ele diz que:

Ainda que eu falasse línguas, dos homens e dos anjos, se eu não tenho o amor, sou como sino ruidoso ou como címbalo estridente. Ainda que eu tenha o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência; ainda que eu tenha toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tenho o amor, eu nada sou. Ainda que eu reparta todos os meus bens, ainda que entregue meu corpo às chamas, se não tenho o amor, nada disso me adianta. O amor é paciente, prestativo é o amor; não é invejoso, não se vangloria, não se incha de orgulho. Não falta com respeito, não é interesseiro, não se irrita, não planeja o mal. Não se alegra com a injustiça, se alegra com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca acabará. As profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento desaparecerá. Pois conhecemos em partes e profetizamos em partes. Mas, quando chegar a perfeição, o que é parcial desaparecerá. Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Quando me tornei adulto, abandonei as coisas de criança. Pois agora vemos por reflexo em espelho, mas depois veremos face a face. Agora conheço em parte, mas depois conhecerei tal como sou conhecido. Agora, permanecem a fé, a esperança e o amor, essas três coisas. A maior delas é o amor. (1Cor 13, 1-13).

Segundo o Papa Francisco, em sua encíclica *Amoris Laetitia*, para amar na perspectiva paulina é preciso ser paciente, se colocar em uma atitude de serviço, livrar-se da inveja que é contrária ao amor, não ser arrogante, nem se orgulhar, desprender-se de si mesmo, perdoar, alegrar-se com o outro, confiar, esperar, suportar. Ele aborda também, nesse documento, o amor do tipo amizade, que:

[...] chama-se caridade, quando capta e aprecia o valor sublime que tem o outro. A beleza – o valor sublime do outro, que não coincide com os seus atrativos físicos ou psicológicos – permite-nos saborear o carácter sagrado da pessoa, sem a imperiosa necessidade de a possuir. Na sociedade de consumo, o sentido estético empobrece-se e, assim, se apaga a alegria. Tudo se destina a ser comprado, possuído ou consumido, incluindo as pessoas. Ao contrário, a ternura é uma manifestação deste amor que se liberta do desejo da posse egoísta. Leva-nos a vibrar à vista duma pessoa, com imenso respeito e um certo receio de lhe causar dano ou tirar a sua liberdade. O amor pelo outro implica este gosto de contemplar e apreciar o que é belo e sagrado do seu ser pessoal, que existe para além das minhas necessidades. Isto

permite-me procurar o seu bem, mesmo quando sei que não pode ser meu ou quando se tornou fisicamente desagradável, agressivo ou chato. Por isso, do amor pelo qual uma pessoa me é agradável, depende que lhe dê algo de graça (AL, n. 127).

Esses pensamentos de São Paulo, do padre Chevalier e do Papa Francisco vão de encontro a importância do amor na vida das pessoas e nas relações, sendo capaz de provocar mudanças como o amadurecimento das ações que em vez das pessoas agirem como crianças egoístas, se tornam capazes de olhar além de si mesmas e passam a se preocupar com o que acontece à sua volta e com quem está mais necessitado. Sobre a necessidade do amor, papa Paulo VI argumentou na encíclica *Octogesima Adveniens* que:

Hoje em dia, os homens aspiram a libertar-se da necessidade e da dependência. Mas uma semelhante libertação começa pela liberdade interior que eles devem saber encontrar, defronte aos seus bens e aos seus poderes; eles não chegarão, todavia a isso senão mediante um amor transcendente para com o homem e uma disponibilidade efetiva de serviço. De outro modo, está bem claro, as ideologias mais revolucionárias não têm como resultado senão uma mudança de padrões; instalados por sua vez no poder, estes novos padrões rodeiam-se de privilégios, limitam as liberdades e instauram novas formas de injustiça (OA, n. 45).

Nessa afirmação de Paulo VI, apesar de ser em épocas muito distintas quando comparadas com os pensamentos apresentados de São Paulo, padre Júlio Chevalier e Papa Francisco, possuem algo em comum: a devida importância do amor na defesa da vida das pessoas que padecem sob consequências radicais de pessoas que não vivem esse amor divino. Por isso em todos os tempos, é possível ver injustiças, desigualdades e catástrofes da natureza mais frequentes devido às ações humanas.

Ainda que o ser humano muitas vezes faça escolhas erradas, Deus não deixa de revelar e dar seu amor, pois não somos um projeto falho. Diante disso, Papa Francisco afirma:

O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum. Desejo agradecer, encorajar e manifestar apreço a quantos, nos mais variados sectores da atividade humana, estão a trabalhar para garantir a proteção da casa que partilhamos. Uma especial gratidão é devida àqueles que lutam, com vigor, por resolver as dramáticas consequências da degradação ambiental na vida dos mais pobres do mundo. Os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos (LS, n. 13).

Esse pensamento também fez parte do Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Dei Verbum* que ao abordar a revelação em si mesma, em virtude dela, afirmou que “Deus invisível (cfr. Col. 1,15; 1 Tim. 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cfr. Ex. 33, 11; Jo. 15,14-15) e convive com eles (cfr. Bar. 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele” (DV, n. 2). Afirma ainda que “o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro de Seus filhos, a conversar com eles” (DV, n. 21). Do

mesmo modo, outra Constituição desse Concílio, *Sacrosanctum Concilium*, recorda que “[...] a Liturgia, por sua vez, impele os fiéis, saciados pelos mistérios pascais, a viverem unidos no amor; pede que sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé” (SC, n. 10).

Ainda sobre a importância do amor, a Constituição *Gaudium et Spes* postula que “o amor de Deus e do próximo é o primeiro e maior de todos os mandamentos. Mas a Sagrada Escritura ensina-nos que o amor de Deus não se pode separar do amor do próximo” (GS, n. 24). Percebe-se que amar a Deus, mas não ao próximo seria contraditório, é necessário pois, que o amor a Deus se mantenha unido ao amor ao próximo. Sobretudo, adverte-nos essa Constituição que “o nosso respeito e amor devem estender-se também àqueles que pensam ou atuam diferentemente de nós em matéria social, política ou até religiosa” (GS, n. 28).

Percebe-se que por mais adverso esteja nosso tempo com tantos males, Deus não se cansa de derramar sobre a humanidade seu amor e ele é capaz de impulsionar tantos bons exemplos que temos na sociedade de pessoas de boa vontade que lutam pelo reconhecimento da dignidade e justiça dos mais pobres, excluídos e sofredores que somos impulsionados a agir da mesma maneira, tanto com os irmãos e irmãs que pensam e agem como nós, quanto com os que são diferentes.

Percebe-se diante da herança espiritual de Chevalier que ele via essa situação como uma missão dos consagrados em sua congregação, ao afirmar que assim como Cristo “[...] somos enviados ao mundo para proclamar a Boa Nova de um Deus Pai, que nos revela sua solicitude para com os mais pobres e os infelizes e que dá sentido à vida ao comunicarmos seu amor” (CONST. MSC, 2017, n. 20). Nessa linha, o Papa Francisco, na encíclica *Laudato Si*, acredita ser passível de capacidade toda a humanidade que deseja, de fato, melhorar as condições de nossa casa comum.

Nessa missão, junto aos mais pobres e infelizes, de comunicar o amor de Deus, na Constituição dos Missionários do Sagrado Coração, também afirma que:

Nos pobres e nos pequenos, em todas as vítimas da injustiça e da violência, nós descobriremos a face de Cristo. Ele nos convida a levar seu amor para dentro de suas vidas. Em resposta a seu apelo, mostraremos nossa compaixão para com eles trabalhando corajosamente para garantir o respeito aos seus direitos humanos e para mudar o coração de seus opressores (CONST. MSC, 2017, n. 22).

Na herança espiritual de Chevalier, conforme abordado no capítulo anterior, percebemos que já no século XIX, ele estava à frente de seu tempo e desejava que o amor de Deus chegasse a todas as pessoas, inclusive acreditava na capacidade de mudança do coração das pessoas que oprimiam. Também concordaria com o Papa Francisco no poder do amor na transformação dos males da sociedade, pois sem ele as pessoas não se sentem amadas e assim não lutam por sua dignidade e seus direitos.

Nesse sentido, reitera a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que ela “abraça com amor todos os afligidos pela enfermidade humana; mais ainda, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e intenta servir neles a Cristo” (LG, n. 8).

Acerca disso, a Constituição *Gaudium et Spes* esclarece que esse amor, revelado pelo Verbo de Deus, mostra que é para todos e, sobremaneira, nas pequenas coisas do dia a dia, como pode ser visto na seguinte afirmação:

O Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, fazendo-se homem e vivendo na terra dos homens, entrou como homem perfeito na história do mundo, assumindo-a e recapitulando-a. Ele revela-nos que Deus é amor (1 Jo. 4, 8) e ensina-nos ao mesmo tempo que a lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo, é o novo mandamento do amor. Dá, assim, aos que acreditam no amor de Deus, a certeza de que o caminho do amor está aberto para todos e que o esforço por estabelecer a universal fraternidade não é vão. Adverte, ao mesmo tempo, que este amor não se deve exercitar apenas nas coisas grandes, mas, antes de mais, nas circunstâncias ordinárias da vida (GS, n. 38).

Esse amor de Deus por cada pessoa é tão grande que é capaz de fazer a pessoa sair de si mesma e perceber a realidade que a circunda, sendo imprescindível que o coração de quem tenha uma intimidade com Deus, conforme afirma o Papa Francisco:

A partir da intimidade de cada coração, o amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para o outro. Feitos para o amor, existe em cada um de nós uma espécie de lei de “êxtase”: sair de si mesmo para encontrar nos outros um acrescentamento de ser. Por isso, o homem deve conseguir um dia partir de si mesmo, deixar de procurar apoio em si mesmo, deixar-se levar (FT, n. 88).

Assim como nesse pensamento do Papa Francisco, padre Chevalier acreditava que cada pessoa, na intimidade do seu coração, do mesmo modo que Jesus tinha com o Pai e conseguiu sair de si mesmo para se colocar a serviço do próximo ao longo de sua missão, é capaz de levar o amor de Deus para suas vidas e dos outros que sofrem com as injustiças e violências, abordadas no início deste capítulo:

Num esforço constante por partilhar dos sentimentos do Coração de Cristo, estaremos atentos à todas as necessidades e à todas as aspirações dos homens, tais como, o direito de serem respeitados como pessoa, a necessidade de amor e de paz, de liberdade, de justiça e da verdade, como também a busca do sentido da vida. Nós nos faremos tudo para todos, respeitando as diferentes culturas, e estando prontos para assumir quaisquer serviços apostólicos de que os homens possam necessitar (CONST. MSC, 2017, n. 24).

Observa-se nesse número da Constituição dos Missionários do Sagrado Coração que para poder levar o que Júlio Chevalier chama de divino remédio, o amor, e tudo o mais que as pessoas necessitam, é necessário antes que o coração de cada pessoa partilhe dos mesmos sentimentos do Coração de Cristo que soube se compadecer, colocando-se no lugar

de cada pessoa, independentemente, de qualquer característica de natureza étnica, econômica, política, religiosa e outras.

Nessa busca por assemelhar nosso coração ao de Cristo, Kwakman afirma que “graças a essa relação pessoal com Jesus, descobriremos n'Ele o médico de nossas feridas interiores; aquele que alivia a fome de nossos corações, que satisfaz nossos desejos mais profundos e que, na busca pelo sentido da vida, mostra-nos o caminho” (KWAKMAN, 2015, p. 72). Isso demonstra que para que o amor de Deus possa ser levado aos mais necessitados, é necessário antes que cada pessoa conheça seu próprio coração e busque assemelhá-lo ao de Cristo, modelo enviado por Deus.

Ciente de que essa busca é possível através da fé, Papa Francisco exorta na *Laudete Deum* que “[...] a fé autêntica não só dá força ao coração humano, mas transforma a vida inteira, transfigura os objetivos pessoais, ilumina a relação com os outros e os laços com toda a criação” (LD, n. 61). Nota-se aqui a relação entre a fé, necessária para a conversão, e o coração que como visto, para Chevalier, é a sede do amor que é fundamental para transformar vidas.

Esse amor é tão fundamental na vida e transformação das pessoas que o Papa Francisco (2016) afirmou na *Amoris Laetitia* que os “[...] frutos do amor são também a misericórdia e o perdão[...]” (AL, n. 27). Padre João Batista Libanio chamou isso de espiritualidade do coração e afirmou que “ela nasce da realidade fundamental da revelação do amor misericordioso de Deus, manifestada na entrega radical do Filho até à morte” (LIBANIO, 2004, p. 66). É em Jesus que vemos o amor de Deus por nós e é também através d'Ele que veremos sua misericórdia como remédio para os males da sociedade atual.

4.3 Misericórdia também como remédio para os males do século XXI

Como fruto do amor, a misericórdia se torna indispensável para sentir-se amado por Deus, pois quem ama, perdoa e “Deus é amor” (1Jo 4,8), como nos lembra São João em sua carta. Em um de seus primeiros *Angelus*, Papa Francisco recorda a infinitude da misericórdia de Deus por nós, afirmando que “o Senhor nunca se cansa de perdoar! Somos nós que nos cansamos de pedir o perdão” (FRANCISCO, 2013).

Sobre isso, padre Chevalier (1991) resgata o exemplo de Maria Madalena que soube acolher a misericórdia de Deus e assim mudar de vida, pois o coração de Jesus a acolheu de tal forma que ela se sentiu inundada pela misericórdia divina que não a julgou, mas a tanto perdoou.

A glória do seu divino Mestre, não é que ele perdoou tanto? E não saberíamos disso!

Ignorando as misérias de Madalena, ignoraríamos as misericórdias do Coração de Jesus! Não, não! Madalena não permitiria; que se saiba o que ela foi, para amar ainda mais o seu bom Mestre. Esta será a sua glória; e ela está decidida a fazer isso, ela quer e não aceita nenhuma outra maneira (CHEVALIER, 1991, p. 293, tradução nossa).

É como se a misericórdia de Deus nos abraçasse a todo instante, mas pelos males que vivemos na sociedade, acabamos ignorando e não reconhecendo essa infinitude de Deus em nossas vidas. Nesse sentido, tomando um outro exemplo bíblico, o Papa Francisco, em seu primeiro livro chamado *A Igreja da misericórdia: minha visão para a Igreja*, fala da parábola do pai misericordioso, considerada a parábola da misericórdia por excelência. Ele questiona se o pai teria esquecido do filho mais novo, enquanto ele estava longe e responde:

Não, nunca! Está lá, avista-o ao longe, tinha esperado por ele todos os dias, todos os momentos: como filho, sempre esteve no seu coração, apesar de tê-lo deixado e mal-baratado todo o patrimônio, isto é, a sua liberdade, com paciência e amor, com esperança e misericórdia, o pai não tinha deixado nem um instante sequer de pensar nele, e logo que o vê, ainda longe, corre ao seu encontro e o abraça com ternura a ternura de Deus, sem uma palavra de censura: voltou! Isso é a alegria do pai; naquele abraço ao filho, está toda essa alegria: voltou! Deus sempre espera por nós, não se cansa. Está lá, avista-o ao longe, tinha esperado por ele todos os dias, todos os momentos: como filho, sempre esteve no seu Coração, apesar de tê-lo deixado e mal-baratado todo o patrimônio, isto é, a sua liberdade, com paciência e amor, com Esperança e misericórdia, o pai não tinha deixado nem um instante sequer de pensar nele, e logo que o vê, ainda Longe, corre ao seu encontro e o abraça com ternura a ternura de Deus, sem uma palavra de censura: voltou! Isso é a alegria do pai; naquele abraço ao filho, está toda essa alegria: voltou! Deus sempre espera por nós, não se cansa. Jesus mostra-nos essa paciência misericordiosa de Deus, para sempre reencontrarmos confiança, esperança! (FRANCISCO, 2014, p. 13).

A misericórdia seria, nesse viés, a persistência no perdão, uma vez que o cansaço ou o estabelecimento de um número limite para perdoar não se encaixa na lógica divina. Deus quer, assim como o pai da parábola, que seus filhos, ou seja, todos nós, voltemos para Ele que está esperando de braços abertos e desejoso de se alegrar com isso. De modo semelhante, isso pode ser visto na carta de São Paulo aos Coríntios, quando diz que

O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. (1Cor 13, 4-13).

Pode-se compreender que Deus sendo amor, é também paciente e sabe esperar nosso retorno para seus braços. Para facilitar ainda mais a compreensão e visualização da misericórdia de Deus, na Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, *Misericordiae Vultus*, o Papa Francisco, utiliza-se do exemplo de Jesus de Nazaré como sendo aquele que nos revela essa misericórdia, afirma:

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar

nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, “rico em misericórdia” (Ef 2, 4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como “Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade” (Ex 34, 6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina. Na “plenitude do tempo” (Gl 4, 4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem O vê, vê o Pai (cf. Jo 14, 9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus (MV, 2015).

Vê-se como Deus não se cansa de ser misericordioso ao longo da história, há muitos exemplos na Bíblia, mas, fundamentalmente, é Jesus quem revela isso, a todo tempo, em cada encontro que teve, cada pessoa que acolheu e ajudou a recuperar a dignidade, mostrando que o amor de Deus pela humanidade é tanto que perdoa e sabe esperar e respeitar o tempo da pessoa.

Diante da paciência de Deus, o Papa Francisco sublinha a importância de que ela “deve encontrar em nós a coragem de regressar a Ele, qualquer que seja o erro, qualquer que seja o pecado na nossa vida” (FRANCISCO, 2014, p. 13). Um grande risco que todo ser humano corre é que ao deparar-se com sua situação de erro ou pecado, esconde-se ou foge de resolver o problema, deixando a vergonha tomar conta do seu coração, o que acaba por obscurecer o amor em sua vida, do mesmo modo que Adão e Eva depois de perceberem o que haviam feito e como estavam, “[...] se esconderam da presença de Deus, entre as árvores do jardim” (Gn 3, 8).

Poderíamos ter esse mesmo sentimento de vergonha ao deparar-nos com nossas atitudes contra nossos irmãos e irmãs, direta ou indiretamente, através das ações inconsequentes em nossa casa comum. Todavia, o Papa Francisco nos ajuda a perceber que nosso momento “é o tempo de regresso ao essencial, para cuidar das fraquezas e dificuldades dos nossos irmãos. O perdão é uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança” (MV, 2015). Voltamos com isso a um assunto já tratado, anteriormente, o cuidado com nosso próximo, pois perdoar faz parte do cuidado que temos com nossos irmãos e irmãs, perdoar liberta e ajuda a pessoa a mudar de caminho, como bem mostra Jesus em seus encontros, como por exemplo, com a mulher adúltera.

Nesse encontro, a mulher seria julgada com a punição de lapidação, mas o olhar de Jesus foi outro, conforme Papa Francisco em sua Carta Apostólica *Misericordia et misera*, “[...] a miséria do pecado foi revestida pela misericórdia do amor. Da parte de Jesus, nenhum juízo que não estivesse repassado de piedade e compaixão pela condição da pecadora [...]” (MM, n. 1). Em vez de seguir o julgamento de quem estava presente, Jesus apenas viu que era uma mulher, um ser humano criado à imagem e semelhança de Deus que naquele momento precisava do divino remédio, a misericórdia, capaz de libertá-la de sua miséria.

Esse gesto de Jesus não apenas abraçou a mulher com a misericórdia, como também serviu de exemplo aos que estavam presentes, pois todos somos chamados a sermos “[...] sinais de misericórdia e proximidade para a vida familiar, onde esta não se realize perfeitamente ou não se desenrole em paz e alegria” (AL, n. 5). Isso é possível quando nos vemos como uma grande família de filhos e filhas de Deus e que todos somos chamados a cuidar uns dos outros e de nossa casa comum, sobretudo quando o que mais precisam é da misericórdia.

Nesse sentido, nas Constituições MSC, afirma que o espírito que deve mover os membros da congregação é “um espírito de família e de fraternidade, feito de bondade e de compreensão, de misericórdia e de perdão mútuo, de mansidão, de humildade e de simplicidade, de hospitalidade e de senso de humor” (CONST. MSC, 2017, n. 32). Percebe-se como ele acreditava que a misericórdia deveria fazer parte das relações, juntamente, com outros elementos que para ele eram indispensáveis na vivência cotidiana de uma família fraterna. Similar pensamento expressou Papa Francisco na *Fratelli Tutti* ao se referir aos refugiados e migrantes que sofrem pela falta de acolhida dos lugares onde buscam abrigo, moradia e uma vida nova. Pede o pontífice argentino, em clima de oração, a todas as pessoas de boa vontade que:

[...] prepare os nossos corações para o encontro com os irmãos independentemente das diferenças de ideias, língua, cultura, religião; que unja todo o nosso ser com o óleo da sua misericórdia que cura as feridas dos erros, das incompreensões, das controvérsias; [peço] a graça que nos envie, com humildade e mansidão, pelas sendas desafiadoras, mas fecundas da busca da paz (FT, n. 254).

Esse modo como nos apresenta o Papa Francisco sobre essa espiritualidade do Coração é, segundo padre Lucemir Alves Ribeiro, MSC, “sob a ótica da misericórdia, em conformidade com um olhar atualizado da teologia sobre esta devoção, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II” (RIBEIRO, 2021, p. 90). Isso pode ser visto na Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina ao afirmar que

[...] os livros do Antigo Testamento, segundo a condição do gênero humano antes do tempo da salvação estabelecida por Cristo, manifestam a todos o conhecimento de Deus e do homem, e o modo com que Deus justo e misericordioso trata os homens” (DV, n. 15).

Nesse mesmo sentido, outra Constituição desse Concílio, *Gaudium et Spes*, argumenta que “[...] a fé cristã ensina que a própria morte corporal, de que o homem seria isento se não tivesse pecado - acabará por ser vencida, quando o homem for pelo onipotente e misericordioso Salvador restituído à salvação que por sua culpa perdera” (GS, n. 18).

Além do Concílio recordar que fomos salvos pela misericórdia de Deus, ele ainda

nos ajuda a perceber o papel da Igreja nesse caminho, pois ela, segundo outra Constituição desse concílio, *Sacrosanctum Concilium*, recorda a todos sobre a importância da prática da misericórdia ao postular que “a Igreja completa a formação dos fiéis servindo-se de piedosas práticas corporais e espirituais, da instrução, da oração e das obras de penitência e misericórdia” (SC, n. 105). Do mesmo modo, a Constituição *Lumen Gentium* afirma:

Aqueles que se aproximam do sacramento da Penitência, obtêm da misericórdia de Deus o perdão da ofensa a Ele feita e ao mesmo tempo reconciliam-se com a Igreja, que tinham ferido com o seu pecado, a qual, pela caridade, exemplo e oração, trabalha pela sua conversão (LG, n. 11).

Diante dessas afirmações que trazem essas Constituições do Concílio Vaticano II, podemos perceber que na vivência diária, para que as relações se tornem fraternas é fundamental a presença da misericórdia, elemento destacado tanto pelo padre Chevalier quanto pelo Papa Francisco que veem nela a expressão do perdão e da cura que pode acolher as diferenças e levar paz onde há guerra, sobretudo, no atual contexto global em que grandes potências estão em conflitos que podem desembocar numa futura guerra mundial.

Diante de tantos desafios atuais, recorda o Papa Francisco que Jesus ao se deparar com alguém olha “[...] com amor e ternura, acompanhando os seus passos com verdade, paciência e misericórdia, ao anunciar as exigências do Reino de Deus” (AL, n. 60). O Reino é exigente, mas a misericórdia de Deus abarca e sobrepõe as misérias humanas, pois seu olhar é amoroso e terno.

Para descrever esse seguimento a Jesus, Papa Francisco utiliza-se de um elemento: “recomeçar de Cristo significa imitá-lo ao sair de si mesmo para ir ao encontro do outro” (FRANCISCO, 2014, p. 21). Isso clareia a questão da misericórdia: é preciso imitar a Cristo, aprender com seus passos, como vemos diversos exemplos nas Sagradas Escrituras em que Ele usou de misericórdia e, além disso, ela deve nos levar a sair de nós mesmos e ir ao encontro dos outros, sobretudo daqueles e daquelas que mais necessitam do amor e da misericórdia de Deus.

Afirma ainda o Papa Francisco que nesse seguimento a Cristo, “assim nos tornamos também nós, se permanecermos unidos a Cristo, porque ele nos faz entrar nesse dinamismo do amor. Onde há verdadeira vida em Cristo, há abertura ao outro, saímos de nós mesmos para ir ao encontro do outro no nome de Cristo” (FRANCISCO, 2014, p. 21). É isso que Chevalier defendeu quando expressou que o amor e misericórdia jorrados do Sagrado Coração de Cristo são divinos remédios para os males da sociedade de sua época e Papa Francisco, na contemporaneidade, também defende em seu pontificado.

Explica padre Chevalier que não somente como remédio para os males, mas que

“conscientes de nossa fraqueza, contamos com a fidelidade e a misericórdia de Deus, bem como com a ajuda de nossos irmãos, a fim de sermos capazes de viver nossa consagração religiosa e de fazermos os constantes esforços e as renúncias que ela exige” (CONST. MSC, 2017, n. 37), ou seja, a misericórdia deve passar primeiro por nós diante de nossas misérias e acolhendo-a, podemos levar esse divino remédio a outras pessoas que também precisam e assim todos vão se ajudando como irmãos e irmãs, filhos e filhas da mesma filiação divina.

Nessa linha de pensamento esclarece Papa Francisco que “depois que se revestiu da misericórdia, embora permaneça a condição de fraqueza por causa do pecado, tal condição é dominada pelo amor que consente de olhar mais além e viver de maneira diferente” (MM, n. 1). A misericórdia lembra a pessoa de que ela é amada por Deus que a acolhe como ser humano, não a excluindo, rejeitando ou discriminando como muitos que se esquecem que bebem da mesma misericórdia.

Acerca disso, argumenta padre Chevalier a todas as pessoas para que “tenha confiança na misericórdia infinita, e um dia, talvez de um salto, alcançará alturas imensuráveis” (CHEVALIER, 1991, p. 337). Ele acreditava que a misericórdia de Deus não tem fim, e mesmo após a morte, com todas as misérias da pessoa, ela confiando nesse divino remédio, pode alcançar.

E por fim, Papa Francisco acrescenta que “uma reflexão sincera pode reforçar a confiança na misericórdia de Deus que não é negada a ninguém” (AL, 2016, n. 300) e também que “nas parábolas dedicadas à misericórdia, Jesus revela a natureza de Deus como a dum Pai que nunca se dá por vencido enquanto não tiver dissolvido o pecado e superada a recusa com a compaixão e a misericórdia” (MV, 2015). Deus possui e quer dispensar seu amor e misericórdia que pode e deve ser usado, como remédio, pelas pessoas para que possam sentir-se amadas e se dar conta de que a dose da misericórdia sempre será maior que as misérias.

Considera-se nesse terceiro momento que a sociedade em cada época possui suas problemáticas e a Igreja, através de seus líderes religiosos, elucidam, à luz da Palavra de Deus, as questões mais preocupantes na vida das pessoas e como moradores da mesma casa comum, quais meios e propostas poderiam ser empregues para ajudar a solucionar. Desse modo, Papa Francisco, assim como padre Chevalier, atentos ao que estava acontecendo no mundo e com as pessoas, escreveram textos que podem contribuir na reflexão e em ações resolutivas na vivência das duras realidades e sombrias previsões do que esperam a humanidade à medida que vai avançando o egoísmo, a pobreza e a indiferença. Sem amor e misericórdia não é possível entender-se pertencente a um mesmo ecossistema, criado por Deus e que todas as ações de uma pessoa influenciam as demais e tudo está interligado, toda a natureza, fauna e flora, animal, vegetal e mineral. Com isso é possível haver mudanças e

tornar o mundo mais fraterno e solidário, percebendo uns aos outros como irmãos e irmãs, filhos e filhas do mesmo Deus, revelado na pessoa de Jesus Cristo que nos mostrou a infinitude desse amor e dessa misericórdia que abraça a todos sem distinção e cresce à medida em que é partilhado entre todos.

5 Considerações Finais

Com essa pesquisa, portanto, considera-se que a inspiração que padre Júlio Chevalier teve em seu tempo, num contexto de França e Igreja Católica do século XIX, marcados por mudanças e com tantos problemas aparentes, era preciso ter um olhar à frente e ele conseguiu ver no Sagrado Coração o divino remédio, amor e misericórdia de Deus, para os males da sociedade. E foi nesse Coração humano de Jesus que Jean Júlio Chevalier, padre francês do século XIX meditou e encontrou esse remédio para os males do contexto sociopolítico-econômico e social da França e da Igreja Católica do seu tempo.

Mergulhado nessa realidade de egoísmo e indiferença entre outros males da época, Júlio Chevalier, diante de sua história de vida e formação, bebendo do Sagrado Coração de Jesus, vê que a resposta que desejava já fazia parte de sua existência e assim propõe às pessoas que o amor e misericórdia de Deus são fundamentais para viver numa sociedade que cada vez mais excluía, desumanizava e arrancava a dignidade dos menos favorecidos e mais sofridos.

E tempos depois, o Papa Francisco, na contemporaneidade tem trilhado seu magistério destacando esse mesmo divino remédio para os problemas dessa época, quer dizer, alguns problemas até puderam mudar passados quase dois séculos, mas a resposta, vinda do Coração de Deus, permaneceu o mesmo.

Percebe-se como esse divino remédio, expressão utilizada por Júlio Chevalier, vai de encontro ao pensamento empregado no pontificado do Papa Francisco desde seu início, pois recorda a toda pessoa que o amor e misericórdia de Deus é infinito e necessário para nossas vidas, pois cura, liberta e salva.

Independente do problema de cada época, toda época tem ser humano, e onde há pessoas, o desejo mais profundo é o mesmo, ser amado, ser amada e para isso é preciso amar. Deus ama, Deus é amor e essa verdade precisa ser sempre dita e lembrar as pessoas que o amor é capaz de transformar e provocar mudanças inimagináveis nas pessoas, nas relações e nas vidas. Assim como esse remédio, a misericórdia também desempenha função semelhante, lembra cada pessoa que bebe dela e a pratica que a miséria, seja ela qual for, há um Coração que a deseja e a espera para que num abraço de perdão possa revivê-la para, novamente, amar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Milton José de. Rede de textos e imagens e metamorfoses visuais. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 39, n. 142, p. 203-226, jan./mar., 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/qydyQLNGfwKxnrt3mwQqJ4Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jan. 2024.
- AZEVEDO, R. M. Uma ideia de metrópole no século XIX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, 1998.
- BÍBLIA - Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2020.
- BIGNOTTO, N. Hannah Arendt e a Revolução Francesa. **Revista de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/oqfnf/article/view/327/326>. Acesso em: 05 nov. 2023.
- BIGOTO, B. M. A participação da burguesia francesa nas revoluções e movimentos sociais contemporâneos. **Revista Científica UNAR**, Araras, 2017. Disponível em: http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol15_n2_2017/04_A_PARTICIPACAO_DA_BURGUESIA.pdf. Acesso em: 07 nov. 2023.
- BOUR, Alfredo. A espiritualidade da reparação seria ainda atual hoje em dia?. São Paulo: [s.n.], 2008.
- BOXUS, D. M. P. G. A França no século XIX: história, literatura e arte. **A Palo Seco – Escritos de Filosofia e Literatura**, Aracaju, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/apaloseco/article/view/n2p48/n2p48>. Acesso em: 08 nov. 2023.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 mar. 2024.
- CASSIMIRO, P. H. P.; FRELLER, F. Estado e Sociedade Civil na Teoria Política Francesa do século XIX: O debate sobre a formação da sociedade pós-revolucionária. **Revista de Cultura e Política Lua Nova**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/5rt9yPTjBBYhDFhmMPPphQk>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- CASTANHO, A. M. Direitos Humanos na primeira Revolução Industrial. **Revistas Eletrônicas da Toledo Prudente**, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/viewFile/1602/1516>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- CHEVALIER, J. Anais da pequenasociedade. São Paulo: Edições Loyola, 1984.
- CHEVALIER, J. **Notas íntimas**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- CHEVALIER, J. **El Sagrado Corazon de Jesus**. Santo Domingo, República Dominicana: Ediciones MSC, 1991.
- COLOMBO, M. A. da C. As congregações religiosas femininas francesas frente às opções de Secularização ou Exílio na França da Terceira República. **Proposições**, v. 28, n. 3, p. 374-390, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/BNHm5KGFvhKL9vFvyVrJ3WS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- CUSKELLY, E. J. **Júlio Chevalier: o homem e sua missão**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1979.
- CUSKELLY, E. J. **Um coração novo e um espírito novo**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1981.
- CUSKELLY, E. J. **Com um coração humano**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1983.
- DERATHÉ, R. O racionalismo de Jean Jacques Rousseau. **Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel**. Pelotas, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/2087/1925>. Acesso em: 12 nov. 2023.

FALCETTI, B. M. A Revolução Francesa: Panorama histórico e os efeitos que moldaram a sociedade contemporânea. **Revista História e Diversidade**, Cáceres, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/historiaediversidade/article/view/2750/2223>. Acesso em: 13 nov. 2023.

FERREIRA, R. L. Em busca do Deus Absconditus: O papel da razão e do coração no argumento da aposta de Blaise Pascal. **Revista Intuitio**, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/intuitio/article/view/18724/14204>. Acesso em: 14 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. Angelus – 17 de março de 2013. Vaticano. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130317.html. Acesso em: 30 out. 2024.

FRANCISCO, Papa. **A Igreja da misericórdia**: minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Misericordiae Vultus**: Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Vaticano. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html. Acesso em: 10 nov. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Encíclica Laudato Si**. Vaticano, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 15 fev. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Amoris Laetitia**. Vaticano, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso em: 25 mar. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica Misericórdia et Misera**. Vaticano, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120_misericordia-et-misera.html. Acesso em: 12 mar. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Encíclica Fratelli Tutti**. Vaticano, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 18 mar. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Laudate Deum**. Vaticano. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html. Acesso em: 20 mar. 2024.

GOHN M. G. Teorias sobre a participação social: Desafios para a compreensão das desigualdades sociais. **Revista Caderno CRH**, Salvador, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/Lc4THRCyDjMdgWmHHJhpdzb/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

GOMES FILHO, R. R. Entre a benção e a maldição: (re)ações do catolicismo à modernização e modernidade europeia no século XIX. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 42, p. 796-817, set./dez. 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/topoi/a/PW5TBt8GWG5Ww4h3NMnvrNQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2024.

GREGÓRIO XVI, Papa. **Encíclica Mirari Vos**. Vaticano, 1832. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/gregorius-xvi/it/documents/encyclica-mirari-vos-15-augusti-1832.html>. Acesso em: 20 fev. 2024.

HARTOG, F. Tempo e História: “Como escrever a história da França hoje?”. **Revista História Social**, Campinas, 1996. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/89/84>. Acesso em: 18 nov. 2023.

HERRERA, J. **Amor sem fronteiras**. São Paulo: Gráfica-Editora Júlio Chevalier, 1981.

IPCC – Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima. **Mudança do Clima 2023**: Relatório Síntese. Genebra: IPCC, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do->

- ipcc/arquivos/pdf/copy_of_IPCC_Longer_Report_2023_Portugues.pdf. Acesso em: 21 mar. 2024.
- KERCK, J. de. **Júlio Chevalier: o homem e sua ideia**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- KWAKMAN, H. **O carisma de Júlio Chevalier e a identidade da Família Chevalier: um itinerário para a Espiritualidade do Coração**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora O Lutador, 2015.
- LEÃO XIII, Papa. **Encíclica RerumNovarum**. Vaticano, 1891. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html. Acesso em: 04 fev. 2024.
- LE MOS, Vilma. **A manipulação da palavra**. São Paulo: Loyola, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/S7hGwKYkrKdPhQ4vLwcrYpM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- LIBANIO, J. B. A espiritualidade do Coração hoje. In: **Corações abertos: Espiritualidade do Coração ontem e hoje**. São Paulo: Gráfica Chevalier, 2004.
- LUPETTI, M. A gramática racionalista em Portugal no século XVIII. **Universidade de Pisa**. Pisa, 2015. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15417.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- MIRANDA, F. S. M. P. A mudança do paradigma econômico, a Revolução Industrial e a positividade do Direito do Trabalho. **Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania**, Santiago, 2012. Disponível em: <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Fer1.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- MISSIONÁRIOS DO SAGRADO CORAÇÃO. **Constituições e Estatutos**. São Paulo: Edições Loyola, 2017.
- MONTELEONE, J. M. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/6kxbrTgBwDptJJz9t9RCjRB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- MULLER, M. L. A liberdade absoluta entre a crítica à representação e o terror. **Revista Eletrônica de Estudos Hegelianos**, Recife, 2008. Disponível em: <https://ojs.hegelbrasil.org/index.php/reh/article/view/127>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris: ONU, 1948. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/por.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- PANIAGO, M. C. S. Autogestão e controle operário: uma análise histórica crítica. **Revista Katálylis**, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/1982-02592020v23n2p338>. Acesso em: 23 nov. 2023.
- PAULO VI, Papa. **Constituição Conciliar SacrosanctumConcilium**. Vaticano, 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 23 out. 2024.
- PAULO VI, Papa. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. Vaticano, 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 27 out. 2024.
- PAULO VI, Papa. **Decreto Perfectae Caritatis**. Vaticano, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html. Acesso em: 10 out. 2024.
- PAULO VI, Papa. **Constituição Dogmática Dei Verbum**. Vaticano, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 12 out. 2024.

- PAULO VI, Papa. **Constituição Pastoral Gaudium Et Spes**. Vatican. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 17 out. 2024.
- PAULO VI, Papa. **Carta Apostólica OctogesimaAdveniens**. Vatican, 1971. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html. Acesso em: 27 mar. 2024.
- PIO IX, Papa. **Anexo Syllabus - Encíclica Quanta Cura**. Vatican, 1864. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembris-1864.html>. Acesso em: 25 jan. 2024.
- PIO IX, Papa. **Encíclica Quanta Cura**. Vatican, 1864. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembris-1864.html>. Acesso em: 22 jan. 2024.
- PORTIER, P. Regulação Estatal da Religião na França (1880 - 2008): Ensaio de Periodização. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv3_2010/t_portier2.pdf. Acesso em: 24 nov. 2023.
- RIBEIRO, L. A. **O caminho do coração: um olhar panorâmico para a simbologia, devoção e espiritualidade do coração**. São Paulo: Scortecci, 2021.
- SALES, P. A. M.; TREVISAN, M. B. Revolução Francesa – Marco da história contemporânea. **Caderno Uninter**. Curitiba, 2020. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1596>. Acesso em: 16 nov. 2023.
- SANTOS, L. A. A Revolução Francesa. História Contemporânea I. **Portal CESAD**, São Caetano, 2015. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/08392902122015Historia_Contemporanea_1_Aula_2.pdf. Acesso em: 25 nov. 2023.
- SCHMIDT, J. F. As mulheres na Revolução Francesa. **Revista Thema**, Santana do Livramento, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/147>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- SENRA, R. **Quais são as grandes guerras em curso no mundo — e por que algumas chamam menos atenção?**. Londres: BBC News Brasil, 2023.
- SILVA, R. O. Revolução, história e tempo. **Revista História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, 2015. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/5288/3437>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- SILVA, I. P. O papado de PIO IX e a dinamização transcontinental do anticlericalismo oitocentista: ecos no parlamento imperial brasileiro. **Almanack**, Guarulhos, n. 26, p. 1-46, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alm/a/8SWqmZN7VWrfzBcfdmrGGG/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- SILVA, E. P.; ARCANJO, F. G. História da ciência, epistemologia e dialética. **Revista de Filosofia da Unesp**, Marília, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/6J8grRSZ78dgCLryCLfFvyM/>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- SOUZA, Ney de. **História da Igreja: notas introdutórias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. (Coleção iniciação à Teologia).
- TEIXEIRA, V. Cismas, reformas e divisões na Igreja - o Jansenismo. **Revista da Universidade Católica Portuguesa**, Porto, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/27548>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- VIEIRA, D. M. Entre o fideísmo cético de Montaigne e a sociedade aberta de Popper: o cristianismo e o papel da tradição. **Revista Ideias**, Campinas, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8669035/30259>. Acesso em: 17 nov. 2023.

